



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA  
CAMPUS MARABÁ/INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - FECAMPO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
TURMA 2014.3

**MEMORIAL DE PROCESSO FORMATIVO**

**ERISVÂNIA ALVES**

MARABÁ - PA

2019

**ERISVÂNIA ALVES**

**MEMORIAL DE PROCESSO FORMATIVO**

Memorial de Processo Formativo – Texto apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ênfase em Ciências Humanas e Sociais, pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) - Campus de Marabá/PA.

Orientador: Prof.º Dr.º Jerônimo da Silva e Silva

**MARABÁ – PA**

**2019**

**ERISVÂNIA ALVES**

**MEMORIAL DE PROCESSO FORMATIVO**

Memorial de Processo Formativo – Texto apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ênfase em Ciências Humanas e Sociais, pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) - Campus de Marabá/PA.

Orientador: Prof.º Dr.º Jerônimo da Silva e Silva

Nota atribuída em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA AVALIADORA**

---

**Prof.º Dr.º Jerônimo da Silva e Silva (Orientador)**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

---

**Prof.ª Dr.ª Maria Neuza da Silva Oliveira (1º Avaliadora)**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

---

**Prof.ª Ms. Ailce Margarida Negreiros Alves (2º Avaliadora)**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

**MARABÁ – PA**

2019

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares**

---

Alves, Erisvânia

Memorial de Processo Formativo / Erisvânia Alves ; orientador, Jerônimo da Silva e Silva. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Ensino superior - Brasil. 2. Estudantes universitários - Formação - História. 3. Educação rural. 4. Aprendizagem. I. Silva, Jerônimo da Silva e, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 378.81

---

Elaborada por Miriam Alves de Oliveira - CRB-2/583

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**FECAMPO:** FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

**UNIFESSPA** - UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ

**TCC** - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**IBGE** - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

**IDH** - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

**INCRA** - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

**PIB** - PRODUTO INTERNO BRUTO

**INSS** - INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL

**GETAT** - GRUPO EXECUTIVO DAS TERRAS DO ARAGUAIA-TOCANTINS

**PPP** - PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

**TOBASA** - TOBASA BIOINDUSTRIAL DE BABAÇU S/A

**PSE** - PROCESSO SELETIVO ESPECIAL

**EJA** - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**CTP** - CENTRO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE

**HMM** - HOSPITAL MUNICIPAL DE MARABÁ

**MST** - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA

**TC** - TEMPO COMUNIDADE

**PPC** - PROJETO POLÍTICO DO CURSO

**CPT** - COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

**UHE** - USINA HIDRELÉTRICA

**APA** - ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

**PT** - PARTIDO DOS TRABALHADORES

**UHT** - USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ

**MAB** - MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGEM

**PCdoB** - PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

**SEMED** - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

**ABNT** - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

**PROEXT** - PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

**MEC** - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**N'UMBUNTU** - NÚCLEOS DE ESTUDOS, PESQUISA E EXTENSÃO EM RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS

**ENEM** - EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

**INEP** - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA

**CIEE** - CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

**PMM** - PREFEITURA MUNICIPAL DE MARABÁ

**MPST** - MOVIMENTO PELA SOBREVIVÊNCIA DA TRANSAMAZÔNICA

**LAET** - LABORATÓRIO AGRO-AMBIENTAL DA TRANSAMAZÔNICA

**GPS** - SISTEMA DE POSICIONAMENTO GLOBAL

**JET'S** - JOGOS ESTUDANTIS DO TOCANTINS

**UEMA** - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

**PROUNI** - PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS

**LEC** - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**ECEJA** - EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE JOVENS E ADULTOS

**EAD** - EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de um Memorial de Processo Formativo em que é registrada a trajetória acadêmica da formanda Erisvânia Alves, apresentado os principais momentos formativos vivenciados no decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação do Campo/FECAMPO, vinculada à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/UNIFESSPA, Campus Marabá/PA, recuperando aspectos da história de vida da acadêmica e incorporando tais experiências nas aprendizagens das disciplinas, confecção de relatórios, diários de campo, percursos do tempo-comunidade e ampliação dos referenciais teóricos, a partir dos autores da Educação do Campo. O trabalho destina-se à obtenção de aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso/TCC no referido curso. A construção do presente artigo foi importante para a acadêmica pois lhe permitiu levar o legado da educação do campo por onde se fizer necessária na construção do conhecimento. Todos acontecimentos que apareceram no percurso formativo, bons ou ruins, deixam aprendizado e os ganhos e perdas também contribuem para a formação plena do ser. A formanda finaliza reconhecendo que sempre se pode pensar e também fazer muito mais, por isso, deve-se seguir em frente com dignidade e sentimento de ter escolhido o curso certo, que lhe permitirá pensar diferente, ainda que não mude a sociedade, mas já é o início – se todos pensarem diferente, o mundo muda!

**PALAVRAS-CHAVES:** Memorial de Formação. Graduação. Formação Acadêmica. História de Vida. Educação do Campo.

## ABSTRACT

The present article is a memorial that records the academic trajectory of the student Erisvânia Alves, presenting the main formative moments experienced during the course of Degree in Education of Rural Populations, College of Education of Rural Populations/FECAMPO, linked to the Federal University of South and Southwest of Pará/UNIFESSPA, Campus Marabá/PA, recovering aspects of the academic life history and incorporating such experiences in the learning of the subjects, writing reports, field diaries, community-time courses and expansion of the theoretical references. , from the authors of Rural Education. The work is intended to obtain approval in the Course Completion Work / TCC in that course. The construction of this article was important for the academic because it allowed her to take the legacy of rural education wherever it is necessary in the construction of knowledge. All events that have appeared in the formative path, good or bad, leave learning and gains and losses also contribute to the full formation of being. The student concludes by recognizing that you can always think and do much more, so you should move forward with dignity and a sense of choosing the right course that will allow you to think differently, even if it does not change society, but already It's the beginning - if everyone thinks differently, the world changes!

**KEYWORDS:** Formation memorial. University graduate. Academic training. Life's history. Field education.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1.1 APRESENTAÇÃO.....	08
2. A COMUNIDADE.....	09
2.1 A ORIGEM DO MUNICIPIO.....	09
2.2 O POVOADO/COMUNIDADE.....	10
2.3 CULTURA PRODUTIVA DO POVOADO/COMUNIDADE.....	11
2.4 FORMAS DE TRABALHO NA COMUNIDADE.....	15
3. A PESQUISADORA.....	17
3.1 MEU INGRESSO NA FECAMPO.....	18
3.2 A PRIMEIRA ETAPA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	19
3.3 VIAGEM DE CAMPO - VISITA AO ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO.....	20
3.4 VISITA A USINA HIDRELETRICA DE TUCURUI.....	22
3.5 RODOVIA TRANSAMAZÔNICA.....	24
3.6 VISITA AO PEDRAL DO LOURENÇÃO.....	24
3.7 A PESQUISA SOCIO EDUCACIONAL I – TEMPO COMUNIDADE.....	25
3.8 SEGUNDA ETAPA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	27
3.9 PESQUISA SOCIO EDUCACIONAL II - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS LOCALIDADE RURAL.....	27
3.10 OBJETIVO DA PESQUISA.....	28
3.11 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA.....	28
3.12 PESQUISA III - PRODUÇÃO EDUCACIONAL- REALIDADE DAS LOCALIDADES.....	28
3.13 OBJETIVOS.....	29
4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO/PESQUISAS SÓCIO- EDUCACIONAL/ESTÁGIO DOCÊNCIA.....	29
4.1 PRIMEIRO ESTAGIO OBSERVAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	31
4.2 ESTÁGIO DOCÊNCIA INTERVENÇÃO ENSINO FUNDAMENTAL.....	33
4.3 ESTÁGIO DOCÊNCIA OBSERVAÇÃO NO ENSINO MÉDIO.....	36
4.4 ESTÁGIO DOCÊNCIA - INTERVENÇÃO NO ENSINO MÉDIO.....	37
5. ATIVIDADES COMPLEMENTARES NO PROCESSO FORMATIVO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	38
5.1 CULTURA NA COMUNIDADE/POVOADO.....	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56



## **1. INTRODUÇÃO**

Neste memorial pretendo apresentar os principais momentos formativos vivenciados no decorrer do curso da Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO), recuperando aspectos de minha história de vida e incorporando tais experiências nas aprendizagens das disciplinas, confecção de relatórios, diários de campo, percursos do tempo-comunidade e ampliação de meus referenciais a partir dos autores que dialogam com a Educação do Campo.

O presente trabalho trata-se de um Memorial de Processo Formativo em que é registrada a trajetória acadêmica da formanda Erisvânia Alves, apresentado os principais momentos formativos vivenciados no decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação do Campo/FECAMPO, vinculada à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/UNIFESSPA, Campus Marabá/PA, recuperando aspectos da história de vida da acadêmica e incorporando tais experiências nas aprendizagens das disciplinas, confecção de relatórios, diários de campo, percursos do tempo-comunidade e ampliação dos referenciais teóricos, a partir dos autores da Educação do Campo.

### **1.1 APRESENTAÇÃO :**

Eu, Erisvânia Alves, nascida em 22 de novembro de 1981, natural de Marabá/PA, filha de quebradeira de coco babaçu do município de Sítio Novo do Tocantins, Estado do Tocantins, estado que foi separado em 05 de outubro de 1988 do Estado de Goiás, contando quase 31 anos de emancipação. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o município de Sítio Novo do Tocantins se localiza na Região do “Bico do Papagaio”, cercado pelos municípios de Axixá do Tocantins, São Miguel do Tocantins, e Itaguatins; Sítio Novo do Tocantins está a 20 Km a Sul-Oeste da cidade de Imperatriz (Maranhão), a maior cidade nos arredores.

Essa separação do estado de Goiás para Tocantins não trouxe desenvolvimento para as classes trabalhadoras, até mesmo porque a parte de Goiás ficou com boa parte das riquezas sendo principalmente a região do Bico do Papagaio mais prejudicada, a pobreza continua: as pessoas vivem dependendo dos Programas do Governo Federal e trabalho informais a maioria, porque o capital instala empresas, indústrias, e deixa parte da população fora do mercado do trabalho por falta de qualificação profissional, os trabalhos dos agricultores nas plantações da lavoura, muitas vezes sem sucesso em terras impactadas pela pata do boi para produção de alimentos para subsistência familiar.

Sou filha de Maranhense camponesa quebradeira de coco babaçu, nasci no Município de Marabá/PA, minha mãe foi para o Município de Marabá a procura de emprego na década

1980, trabalhou na coleta de castanhas do Pará, algum tempo retornou para o Estado do Tocantins, na época ainda era estado de Goiás, eu ainda com menos de dois anos de idade minha mãe retorna para o Município de Sitio Novo do Tocantins. Dando continuidade a sua identidade regional de camponesa e quebradeira de coco para o sustento da família.

## **2. A COMUNIDADE**

### **2.1 A ORIGEM DO MUNICÍPIO:**

As famílias que habitaram a região, por conter vários sítios de plantações frutíferas. Assim, o nome do município deve-se essas famílias, dos senhores Pedro Lima, Manoel Ferreira da Costa e Firmino Latarano, que ali fixaram por volta de 1948. A origem do nome justifica-se por ter sido no início um povoado de muita fartura por suas terras férteis e diversos sítios, onde se desenvolvia basicamente a agricultura, a extração de madeira, coco babaçu e muita caça, formando assim uma economia de subsistência. Sítio Novo deu origem à cidade do mesmo nome que se caracterizava por densos babaçuais. Os primeiros moradores resolveram se fixar na localidade, construindo suas moradias, cultivando a terra na produção de arroz, feijão, milho, algodão e explorando estas fontes de renda, notadamente o extrativismo dos babaçuais na região. (IBGE,2017).

Uma parte das famílias do município de Sitio Novo do Tocantins vivem das atividades de agricultura familiar e pequenos criadores de animais como: gado, porco e outros animais que geram renda e para capital de giro no comércio local, além do extrativismo do Coco Babaçu na região que é muito forte apesar da destruição dos babaçuais por alguns fazendeiros, os povoados/comunidades ao redor do município um dos trabalhos desenvolvidos a extração do azeite para consumo e excedentes, assim como o carvão feito das cascas e do inteiro, ainda existem outros benefícios usados do coco babaçu na utilização medicinal e alimentação.

A região há muitos fazendeiros que vendem leite e derivados como queijo artesanal (caseiro), mais também alugam pastos, outra atividade remunerada para os agricultores e trabalhar de meia, na produção agrícola, por não ter terra própria para trabalhar, por ser uma região populosa e de baixa renda, as famílias são de agricultores, acampados e assentados, e a luta pela terra ainda com esperança de reforma agrária, conforme cita Martins (2009):

A região do extremo-norte tocaninense, também conhecida por Bico do Papagaio abrange uma área de 15.852,60 Km<sup>2</sup> e é composto por 25 municípios: Aguiarnópolis, Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Cachoeirinha, Carrasco Bonito, Sampaio, Darcinópolis, Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Nazaré, Palmeiras do Tocantins,

Praia Norte, Riachinho, Santa Terezinha do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins, Tocantinópolis e São Bento do Tocantins. A população total desta região do Tocantins é de 179.238 habitantes, dos quais 61.012 vivem na área rural, o que corresponde a 34,04% do total. Possui 7.406 agricultores familiares, 5.644 famílias assentadas contendo também uma área de reserva indígena. Seu IDH médio é 0,62 (IBGE,2008). Seu território é caracterizado por ser uma região pobre, com baixo PIB per capita e relativamente populosa, tendo economia fortemente influenciada pela agricultura familiar, o que justifica e explica a pressão exercida pelos movimentos sociais pela reforma agrária. Possui 5.885 estabelecimentos rurais, com destaque maior para a pecuária. Na região existiam em 2005, 66 assentamentos, com 3.835 famílias, sendo a produção leiteira uma das principais fontes de renda dos agricultores familiares (INCRA, 2006). A região do Bico do Papagaio ficou marcada, na década de 1970, pela guerrilha do Araguaia, sendo Xambioá umas das maiores bases do conflito, como ponto de apoio do exército no combate à Guerrilha, no auge do sombrio período da ditadura militar no Brasil. Esta região diferentemente do restante do estado viveu um intenso processo de interferência do estado ao longo dos anos de 1970 e 1980, por estar numa região muito próxima ao sul do Pará; se tornou importante ponto de passagem de população que correu em direção ao Pará na busca por ouro e por terra. A interferência estatal na região se acentuou com a criação do Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins(GETAT) que atuou na região até a criação do estado (MARTINS, 2009).

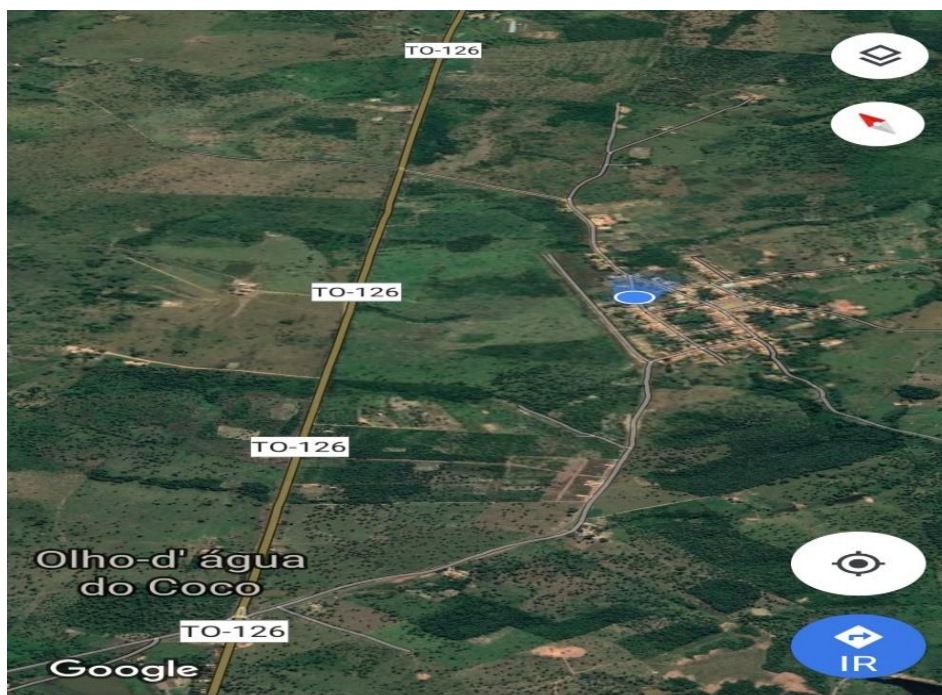
É muito forte a presença da pobreza ainda nos dias atuais, uma região que destaca a falta e alimentos na mesa da população carente, as experiências de vivenciar certas situações de aproveitamento de animais mortos e saques de carretas de alimentos quando ocorre (acidentes), uma forma de conseguir alimento sem gasto e dividir com outros familiares; exemplo da comunidade/povoado onde moro, “caiu um raio nas terras de um morador que tem umas cabeças de gado e atingiu três animais morreram (vacas), parte dos moradores pegaram os animais e aproveitaram toda a carne e dividiram com quem queria e teria coragem de comer, porque os animais morreram atingidos por uma raio nem todas as pessoas comem, esse relato foi uma experiência minha diante da nossa situação de miséria no Brasil e no mundo, como estamos no século XXI.

## **2.2 - O POVOADO/COMUNIDADE**

Venho de um povoado\comunidade rural pequena, de nome Olho D'Água do Coco, pertencente ao município de Sítio Novo do Tocantins, na Região do “Bico do Papagaio”. O povoado está localizado entre os municípios de Sítio Novo do Tocantins e São Miguel do Tocantins, com aproximadamente 500 famílias nos dias atuais. O Povoado Olho D'Água do Coco, surgiu no ano de 1950, com aproximadamente 20 famílias, ficando a seis quilômetros de distância da sede do município de Sítio Novo do Tocantins (foto 1), tendo como principal fonte de renda o trabalho na agricultura e a quebra do coco babaçu e tinha apenas uma rua que, aos poucos, foi aumentando o número de moradores e abrindo novas ruas, dando início a uma

unidade escolar. Nesse período, foi escavado um poço para abastecer a escola e os moradores, informações em Projeto Político-Pedagógico da Escola (PPP).

**Foto 1: Vista panorâmica do povoado Olho d'Água do Coco**



Fonte: GoogleMaps/2019

O povoado vem evoluindo aos poucos, os moradores contam com duas escolas: uma estadual e uma municipal, uma Unidade Básica de Saúde, vila de casas populares feita pelo governo federal, ginásio poliesportivo, água encanada, comercio de gêneros alimentícios, e uma torre de acesso à internet (via rádio), e três igrejas: Assembleia de Deus, Católica e Adventista do Sétimo Dia e uma pista de pouso desativada.

Devido os avanços tecnológicos a comunidade já conta com internet, uma torre com antena via rádio foi instalada na comunidade, a população está conectada, primeiramente os jovens e depois os adultos, todos se comunicando e desenvolvendo habilidades com o mundo das tecnologias, mantendo população do povoado conectada ao mundo moderno. Ainda tem uma pista de pouso aéreo desativada que foi construída para pouso de aeronaves no período de campanha políticas partidária na década de 1990, na atualidade não sendo mais utilizada para pouso.

### **2.3 - CULTURA PRODUTIVA DO POVOADO/COMUNIDADE:**

A cultura produtiva dos moradores e renda das famílias são oriundas da quebra do coco babaçu (foto 2), da venda de azeite deste, polpas de frutas e lavradores em geral, produção

diversificada, dos pequenos criadores de gado que se mantém com a venda de leite e excedentes. Alguns moradores são assalariados da prefeitura do município, e outros assalariados em diversos trabalhos na cidade de Imperatriz/MA.

Na comunidade não há oportunidade de trabalho formal, essa escassez de serviços faz com que alguns moradores se desloquem a outra cidade ou outros Estados em busca de trabalho, já que não possuem terras para trabalhar nem renda para subsistência familiar. Muitos jovens deixam de estudar para procurar trabalho e acabam indo embora do povoado, como foi o meu caso - saem da comunidade em busca de trabalho e, com passar do tempo retornam só para visitar a família. Essa falta de trabalho local acaba implicando no baixo crescimento econômico do povoado, esse é um problema que boa parte do Estado do Tocantins enfrenta- a migração em busca de empregos em varais partes do País. Esse é um problema que boa parte do Estado do Tocantins enfrenta- a migração em busca de empregos em varais partes do País.

A alguns anos os moradores do povoado viviam praticamente da quebra do coco babaçu, mais isso foi reduzido pelo fato dos fazendeiros derrubarem as palmeiras para fazerem pasto para o rebanho bovino, diminuindo a venda da amêndoa (bago), extração do azeite do coco (óleo), extração do palmito para alimentação das famílias e criações de animais, todo coco era aproveitado desde as cascas e coco inteiro na fabricação de carvão e esse carvão era usado para as famílias cozinharem sua comida e também para a venda. Do azeite também se tinha uso medicinal, fabricação de sabão caseiro e uso cosmético, conforme a citação abaixo:

No Bico do Papagaio, região conhecida por conflitos agrários, um ato que vem sendo praticado por fazendeiros nas áreas dos babaçuais é a utilização das máquinas juntamente com o fogo para remover a terra e destruir a raiz do coqueiro. Ao destruir a palmeira, definitivamente se tira a possibilidade de sobrevivência de famílias que, ao longo dos anos, aprimoravam a técnica de utilizar o babaçu sem destruí-la, como fonte de renda familiar, forçando-as desse modo, a uma migração”.(BRITO, ALMEIDA,2017, p.241).

A derrubada das palmeiras de coco babaçu afetou a todos, porque a palmeira não é somente o coco em si, mas as palhas que são usadas para cobrir as casas de taipa da comunidade, assim como são usadas para fazer paredes de banheiros no quintal e tudo que precisar de cobertura. Os talos das palhas são retirados para envarar as casas para depois serem tampadas com barro, os talos também têm outras funções que são: cercar os quintais e fazer cercados de pequenos animais domésticos.

Um grande empreendimento que alimenta a luta de resistência à modernização e exclusão social pelos segmentos sociais na região é a Bioindustrial (TOBASA), instalada no município de Tocantinópolis TO, empresa que produz vários subprodutos do babaçu, dentre eles o óleo, o sabão, compensado feito de mesocarpo e carvão aditivado. Essa grande indústria tem incentivado a cata do coco inteiro nas

áreas de babaquais por possuir nas suas instalações uma máquina de quebrar coco que substitui o trabalho das quebradeiras, o que leva a uma diminuição da compra da amêndoa. Uma das dificuldades enfrentadas é a falta de comprador de amêndoa. A TOBASA coleta coco inteiro inclusive na Área indígena dos Apynajé. Trata-se de uma prática generalizada na região que tem dificultado a reprodução das produções familiares dificultando o acesso ao coco por disputarem cada palmo de babaçu com os catadores. Essa indústria alimenta um discurso ecológico como ideologia para se travestir de agente produtor nos moldes da sustentabilidade ecológica, contrapondo com suas práticas predatórias. (MARTINS, 2009 p. 121).

A referida empresa citada acima está localizada no município de Tocantinópolis no estado do Tocantins, alguns fazendeiros vende os coco babaçu de suas propriedades direto para a fábrica, enquanto os trabalhadores agricultores as vezes não conseguem fazer um contrato direto com a fábrica e acabam fazendo essa venda para um atravessador que repassa para a fábrica, caso na comunidade onde moro, um comerciante comprava alguns anos atrás e fazer uma quantidade (carrada), que vinha um carro buscar, informações das experiências vivenciada na comunidade Olho D'Água do Coco. Molina (2012), cita que:

A população mais sedentária que pode constituir a base de uma nova ruralidade é formada pelos produtores agrícolas autônomos, pequenos proprietários, posseiros, meeiros, que se dedicam à agricultura familiar. É no seio dessa população e das ocupações econômicas que lhe são associadas, como o comércio local, que se pode observar o princípio de uma diferenciação social significativa. Essa diferenciação é relacionada, em grande parte, com os sistemas de produção inovadores em termos regionais. A produção tradicional de culturas temporárias, às vezes chamadas de subsistência, como mandioca, arroz, milho e feijão, mal consegue garantir o nível de consumo socialmente necessário ao qual nos referimos. Este tipo de produtor costuma viver sem dinheiro, adiando indefinidamente a satisfação de suas necessidades básicas em termos de diversificação alimentar e de tratamento médico que condicionam a saúde de sua família, em termos de vestuário, de moradia, de meio de locomoção, de conforto doméstico e de meio de informação. Uma certa prática, entre pequenos produtores, de extrair de recursos de créditos oficiais destinados à produção, uma parcela do dinheiro para a compra de objetos de uso pessoal ou familiar como bicicleta, televisão, ou até antena parabólica, é reveladora, ao mesmo tempo, de suas necessidades insatisfeitas, de suas frustrações e de suas prioridades pessoais que só eles, aparentemente, são capazes de legitimar; o acesso à informação e não apenas à instrução escolar, é hoje uma de suas aspirações mais básicas (MOLINA, 2012, p. 227-230).

A população dessa região tem poucas instruções escolar por vários motivos, como a evasão escolar devido a necessidade de trabalhar na agricultura familiar e conciliar com os estudos, desde cedo aprende a conviver com o pouco que se tem, como a cultivar o próprio alimento, e comercializar com comerciante local, além de dividir a produção com os dono da terra e parte da produção dividir para o próximo plantio e garantir o alimento da família.

Nem sempre consegue-se pegar em dinheiro em espécie, a não ser comercializar os produtos e assim vender no preço dos compradores exploradores que usam das necessidades os menos favorecidos e necessitados, para complementar as necessidade básica das família se submetem a esse negócio de venda tanto de produção agrícola como da própria força de

trabalho humana, que também é comercializada em diárias com preços inferiores ao mercado de trabalho. As condições básicas de saúde dependem do Sistema Único de Saúde, para conseguir atendimento, as comunidades distantes dos municípios ficam mercê do poder público, das demandas e ação de saúde para se destacar até a comunidade mais próxima, o básico como atualizar caderneta de vacinas e controles de doenças crônicas e degenerativas.

**Foto 2:** Quebradeira de coco babaçu da comunidade



**Fonte:** arquivo pessoal (2018).

Essa foto mostra a realidade das atividades da comunidade na quebra de coco babaçu, e outras produções no aproveitamento geral da palmeira e todo coco babaçu, na renda das famílias, além do coco babaçu, a criação de animais como galinhas e porcos para consumo e excedentes.

Durante aulas extraclasse nos estágios sobre as formas de trabalhos existentes na comunidade, conversei informalmente com uma quebradeira de coco e ela informou que tirava o sustento da venda do azeite e criação de galinhas e seu esposo trabalhava na roça; ela relatou que não teve oportunidade de estudar porque precisava trabalhar para ajudar os pais e se manter, mas fez todo esforço para que os filhos estudassem porque ela sabia o quanto custou a ela “não ter estudo”.

Ainda na observação sobre a trajetória das quebradeiras, é perceptível o cansaço físico e emocional, as mãos calejadas... lembro-me de minha mãe vender vários quilos de coco (amêndoa) a 25 centavos/quilo para comprar um quilo de arroz. Todas essas dificuldades me fizeram refletir sobre a luta das quebradeiras de coco. Algumas quebradeiras narram a sua história de vida para a criação dos filhos, muitas vezes não têm companheiros para dividirem as tarefas e as despesas... muitas são mães solteiras ou abandonadas pelos companheiros e precisam tirar a renda apenas da quebra do coco e agricultura familiar nas plantações de legumes e hortaliças para o consumo.

Hoje em dia, a população tem outras atividades que geram renda, como a extração de polpas de frutas (cupuaçu, cajá, acerola, tamarindo, buriti), venda de leite e derivados como queijo de fabricação caseira e das criações galinha caipira, que muitas vezes são vendidos na cidade de Imperatriz/MA e comunidades vizinhas. Muitas mulheres trabalham como diarista para complementar a renda da família nesta importante cidade do sul-oeste maranhense.

#### **2.4 FORMAS DE TRABALHO NA COMUNIDADE:**

As famílias de agricultores (foto 3) dividem o trabalho em outros espaços fora da comunidade, como ir para outros estados a procura de emprego tanto os homens como as mulheres, para além do extrativismo da extração do coco babaçu, plantio das roças e extração de polpas de frutas regionais para consumo e excedentes em outros municípios. Outra forma de trabalho é a pecuária os homens e os jovens estudantes e não estudantes trabalham como vaqueiro para fazendeiros da região, sem terem opção de trabalho em outras funções.

Esses estudantes, às vezes não estudaram, porque tiveram que trabalhar muito cedo para o sustento e ajudar os pais. Essas formas de trabalho e negada pelo próprio trabalhador porque desconhecem a força de trabalho humana e associa ao trabalho assalariado, quando se pergunta se trabalha, diz um trabalhador” não trabalho, só boto uma roça e roço uma juquirá, faço um carvão e daí em diante”, ou seja a negação da força de trabalho, conforme Antunes (2002) relata abaixo:

Outra tendência presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários e dos desempregados, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural. Paralelamente à exclusão dos jovens, vem ocorrendo a exclusão dos trabalhadores considerados “idosos” pelo capital, com idade próxima de 40 anos e que, uma vez excluídos do trabalho, dificilmente conseguem reingressar no mercado de trabalho. Somam-se, desse modo, os contingentes do chamado trabalho informal, aos desempregados, aos “trabalhos voluntários” etc. O mundo do trabalho atual tem recusado o trabalhador herdeiro da “cultura fordista”, fortemente especializado, que



é substituído pelo trabalhador “polivalente e multifuncional” da era toyotista (ANTUNES,2002 p.233).

**Foto 3: Formas de trabalho na comunidade:**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2018**

A luta pela terra é especialmente importante para as mulheres camponesas que lutam por seu espaço na sociedade em geral e também pela sua formação acadêmica, buscando uma oportunidade de se qualificarem e não apenas serem lavradoras que só produzem alimentos, compartilhando suas experiências de história de vida e lutas diárias, que contribuem para a sociedade, conforme corrobora Frigotto (2006):

A visão tecnicista da educação responde exatamente a ótica economicista do ensino, veiculado com pompa pela a Teoria do capital humano, constituindo-se numa das principais e mais ferozes formas de desqualificação do processo educativo escolar. As formas de trabalho informal de gênero e a divisão sexual do trabalho, a diferença salarial inferior ao trabalho masculino, realizando as mesmas atividades, a desvalorização da mão de obra feminina imposta pelo sistema capitalista pautada na ideologia de gênero leva a inferioridade da classe feminina na sociedade pós-moderna, que passa despercebido pela necessidade da subsistência das famílias, parece ser normal (FRIGOTTO, 2006, p.64).

Desta forma, as camponesas também são capazes de pensar e construir uma sociedade diferente, com pensamentos voltados para o coletivo de mulheres.

As experiências na comunidade não foram fáceis mais também não foram tão difíceis que não pudessem ser feitas; mantive o foco no objetivo e fiz o que era para ser feito. Tudo na vida tem uma facilidade e dificuldade, mas a gente vai se desdobrando para conseguir fazer o

melhor, levantar a cabeça e seguir em frente. Sempre tive uma boa convivência na comunidade onde fui criada, isso contribuiu muito para minha formação.

**Foto 4:** Formas de trabalho na comunidade.



**Fonte:** arquivo pessoal (2018).

Na foto acima (foto 4), o ajudante de pedreiro era a mulher dona da construção que auxiliava o pedreiro com os materiais utilizados, fazia os traços de massa e colocava tijolos no pé da obra, forma de trabalho que as mulheres desenvolvem em seu cotidiano que não são reconhecidas pela negação da mão de obra feminina nos espaço de trabalhos nessa divisão sexual do trabalho, do capitalismo internalizado na sociedade contemporânea moderna. Sobre o assunto acima relatado, Antunes (2002) cita que:

A classe trabalhadora, por conseguinte, é mais ampla do que o “proletariado industrial produtivo” do século passado, embora este ainda se constitua em seu núcleo fundamental. Tem, portanto, uma conformação mais fragmentada, mais heterogênea, mais complexificada, mais polissêmica e mais multifacetada. Uma conformação que só pode ser apreendida se partirmos de uma noção ampliada de trabalho. E apresentar essa processualidade multiforme, como procuramos fazer aqui, é muito diferente, como vimos, de afirmar o fim do trabalho ou mesmo o fim da classe trabalhadora (ANTUNES,2002p.236)

### **3. A PESQUISADORA:**

Neste memorial pretendo apresentar os principais momentos formativos vivenciados no decorrer do curso da FECAMPO, recuperando aspectos de minha história de vida e incorporando tais experiências nas aprendizagens das disciplinas, confecção de relatórios, diários de campo, percursos do tempo-comunidade e ampliação de meus referenciais a partir dos autores que dialogam com a Educação do Campo.

### **3.1 MEU INGRESSO NA FECAMPO:**

O meu ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo na FECAMPO, Campus Universitário de Marabá, Campus I da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) – ano de 2014, se deu através do Processo Seletivo Especial (PSE), que no ano anterior ocorreu através da realização de inscrição e prova objetiva na primeira fase, onde após aprovação e classificação, realizou-se a segunda fase, consistindo em uma entrevista e verificação de documentação para habilitação. O primeiro período iniciou-se dia 07 de julho de 2014.

Descrevo as minhas atividades e experiências durante o percurso formativo, de julho de 2014 a agosto de 2019; no decorrer da formação, participei de várias atividades ofertadas pela faculdade e outras independentes que contribuíram para minha formação acadêmica, tais como: seminários, curso de extensão, experiências nas aprendizagens das disciplinas, confecções de relatórios, diários de campo, percurso dos tempo-comunidade e ampliação de meus referenciais a partir dos autores da Educação do Campo.

A criação do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) veio de encontro aos meus anseios, contribuindo para o meu acesso e de muitos, possibilitando o acesso de camponeses e seus filhos. Assim como eu tive oportunidade e conseguir seguir em frente, outros terão também, favorecendo a classe trabalhadora de agricultores na conquista pelo espaço universitário e mercado de trabalho, principalmente nas escolas das comunidades rurais.

O objetivo do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo da Unifesspa é preparar educadores para uma atuação profissional específica junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, o que inclui a docência e a gestão dos processos educativos na escola do campo e no seu entorno, construindo novas bases de organização do trabalho escolar e pedagógico, a partir de estratégias de formação para a docência multidisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento (PPC, 2014, 39).

Eu tinha parado meus estudos ainda no Ensino Fundamental, chegando em Marabá/PA, comecei a trabalhar como doméstica, e resolvi retomar meus estudos nos anos 2004 e 2005, nas terceira e quarta etapas, sendo estudante do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola de Ensino Fundamental Deuzuita Melo de Albuquerque, e cursei Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Anísio Teixeira, nesta cidade, no período de 2006 a 2009, tendo concluído aos 28 anos de idade.

Após a conclusão do Ensino Médio, fiz curso de Técnico em Enfermagem, pelo Centro Técnico Profissionalizante(CTP), realizando o estágio obrigatório no Hospital Municipal de Marabá (HMM). Após conclusão desse curso técnico, prestei o Processo Seletivo Especial

(PSE), da graduação em Educação do Campo, que dentro de minha realidade e experiências por ser camponesa, este curso era de grande importância para mim, filha de agricultores, pelo fato das dificuldades que se tem nas escolas do Campo, a carência de professores formados com nível Superior e dificuldades de sair da comunidade muitas vezes sem transporte e alimentação adequada.

Quando saiu resultado final do Processo Seletivo Especial, eu trabalhava como vendedora no comércio local da Velha Marabá e tive que pedir demissão do trabalho para não perder a graduação, mesmo sabendo que teria consequências futuras para a manutenção de minhas despesas. Fiquei desempregada durante o curso e me mantive através de auxílios financeiros (bolsa-permanência e auxílio transporte) ofertados pela Instituição, além de pequenos “bicos” e ajuda financeira de minha família.

### **3.2 A PRIMEIRA ETAPA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O primeiro período iniciou dia 07 de julho de 2014, abertura da primeira semana de aula com seminário com estudantes do campo e demais estudantes de outros cursos, fez parte da mesa, autores referenciais da Educação do Campo, como: MIGUEL ARROYO E MONICA MOLINA, e outras lideranças de movimentos sociais e sindicatos dos povos da floresta, indígenas, quilombolas e agricultores camponeses e filhos de camponeses e quebradeiras de coco babaçu de Tocantins, Pará e Maranhão em geral.

Abertura do seminário foi realizado uma Mística, peça teatral apresentada como as lutas dos camponês, povos do campo e da floresta a luta pela terra e pelo espaços das Universidade Federais no Brasil e Exterior, os participantes atuantes são caracterizados de acordo com a temática da apresentação, uma comunicação de energias positivas que causa nas pessoas presentes emoções, bons fluidos e correntes positivas para o bem comum de todos nas buscas pelo objetivos em questão. A Mística retrata uma identidade de afirmação enquanto sujeitos do campo e classe trabalhadores sem terras, contagiante, (emoção que sentir, inexplicável). A mística enquanto prática é carregada de intencionalidades em seu fazer.

No início da primeira etapa os estudantes tinham acesso ao alojamento Fundação Cabanagem, uma casa de apoio aos estudantes, uma parceria com os Movimentos Sociais e Faculdade de Educação do Campo, alimentação coletiva e dormitórios, eu fui uma das estudantes que fiquei alojada, onde tomei conhecimento dos Movimentos dos Trabalhadoras sem Terras de fato, pois eu só ouvia noticiários televisionados, ótima experiência que tive e

aprendi a viver coletivamente, me fez refletir sobre minha vida e como transformar toda aquela vivência em experiências que serão por toda vida.

No primeiro período/etapa fiquei alojada na Cabanagem, experiência nova porque eu não conhecia e tive a oportunidade de viver no coletivo. Eu não conhecia o Movimento Social dos Trabalhadores sem Terra (MST), de fato, como se organizava e todo apoio dado aos educandos do curso de Educação do Campo e muitas vezes, militante do movimento.

Segundo Lara (1998), “é a história que educa, a história coletiva e individual como cada um narra suas experiências na formação enquanto escolar e não escolar, para além da academia, a educação formal e não formal significa um legado na trajetória humana na construção do conhecimento” (p.25).

Na primeira semana de aula foi interessante a interação entre os alunos, o primeiro contato com as apostilhas de textos, e as dificuldades já se iniciavam pela falta do hábito de ler, o texto do Bondía (2002), “notas sobre a experiência e o saber da experiência, na disciplina de História de Vida”, me fizeram refletir para escrita da minha própria história, de externar as minhas dificuldades e anseios durante meu percurso formativo na Educação do Campo. A primeira semana de aula foi realizada uma dinâmica coletiva para interação dos educandos e, em seguida, orientações para a construção do memorial na disciplina de “História de Vida”, elaboração de um texto com toda trajetória de vida antes de entrar na FECAMPO.

A história deveria ser contada a partir da criatividade como textos ou desenhos que narrassem como se deu esse processo e após o término, socialização entre os colegas, momentos de muita emoção nas apresentações porque fatos marcantes apareceram nas narrativas. Essa disciplina foi uma forma de expressar todas as nossas angústias que não tivemos como expô-las em outros momentos, compartilhando momentos vivenciados por cada um, com suas dores, seus anseios, alegrias e tristezas, mas que todos compreenderam cada história de vida contada. Isso aproximou e uniu o grupo.

### **3.3 - VIAGEM DE CAMPO - VISITA AO ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO**

A viagem de campo realizada no período de doze a quinze de agosto de dois mil quatorzes no curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo com a turma Amazônia Livre de 2014. O percurso da viagem teve início na cidade de Marabá, passando por Tucuruí, acampamento João Canuto, Vila Permanente, Usina Hidrelétrica de Tucuruí, Novo Repartimento, Rodovia Transamazônica, Itupiranga e Pedral do Lourenço na Vila Tauari.

A viagem foi continuação do Seminário "sociedade, estado, questão agrária, movimentos sociais na Amazônia: por terra, território e dignidade". Essas pesquisas tem como objetivo estudar os impactos sócios econômicos, cultural, social e ambiental provocados pelos os grandes projetos capitalistas, especialmente a construção das barragens e a rodovia Transamazônica. A primeira parada foi no Acampamento João Canuto, onde fomos recebidos pelo engenheiro agrônomo e coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Hilário Costa Reis e por toda a coordenação do acampamento.

O acampamento João Canuto (foto 5), que fica as margens da BR 422 a vinte dois quilômetros da cidade de Tucuruí, sendo Município da mesma. Este acampamento contem 63 famílias. Com o acompanhamento do Hilário Costa Reis um dos integrantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT), na região, sendo ele articulador e multiplicador na luta pela terra juntamente com os impactados pela barragem de Tucuruí. Fomos recebidos pela coordenação e moradores do acampamento. Antes da chegada do latifúndio todos viviam as margens do rio Tocantins e após a chegada do latifúndio os ribeirinhos, pescadores, agricultores e familiares e índios foram expulsos de suas terras, devido ao não registro de terra.

**Foto 5: Acampamento João Canuto, Tucuruí.**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2014).

Desde então a igreja católica tomou para si essa luta. Por conta disso houve conflitos prisões e mortes. Segundo o Senhor Hilário todo acampamento e assentamento, acontecem não porque o INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária quer, mas pela

organização dos agricultores aliados aos movimentos sociais do campo e para o campo. Diz ainda que em mil novecentos e setenta e quatro quando iniciou a primeira etapa de construção da barragem, Breu Branco e Nov Repartimento formavam um só município.

Ele continua falando da trajetória de luta dos acampados que é de doze anos, sendo que há seis anos estão acampados em uma área da Área de Preservação Ambiental (APA), justamente para confrontar com os órgãos municipais, estaduais e federais de que: “é preciso integrar-se a Amazônia para que Amazônia não seja entregue aos estrangeiros”. “E que a Amazônia é uma terra sem homens para os homens sem-terra”. Se referindo ao slogan do governo militar a tentativa de atrair grandes projetos de desenvolvimento para a região desconsiderando assim as populações tradicionais já existentes na região.

O acampamento está organizado de forma participativa por parte de todos os membros e trabalham a questão da produção de forma perenes, culturas anuais e a olericultura de forma coletiva e limitada. Pois é dali que tiram o seu sustento. No entanto, os mesmos ainda não dessas culturas porque estão acampados em uma área de observação. A área é muito rica em água e terra fértil.

A partir da construção do Projeto de Desenvolvimento Sustentável, que é um projeto que tem como objetivo dar mecanismo para os camponeses obter mais conhecimento e aumentar sua renda de forma sustentável, aconteceram algumas oficinas, tais como: pintura, em tecido, crochê, plantio de hortaliças para garantir sua sustentabilidade. Os acampados fazem parte de uma cooperativa que facilita através de acordos para comercialização de seus produtos, porém, por não terem um transporte específico para escoamento da produção ficam às vezes a mercê de atravessadores.

### **3.4 - VISITA A USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUI**

No dia seguinte foi realizada uma visita a Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE), com auxílio do instrutor e representante do setor da comunicação o Senhor Antônio Alberto, que utilizou como metodologia uma palestra em nome da empresa e após a palestra nos acompanhou durante a manhã na visita as estruturas da hidrelétrica. No discurso oficial, a barragem de Tucuruí foi projetada com o objetivo de trazer o desenvolvimento para a Amazônia, com o lema “integrar para não entregar”, ou seja, para não perdemos para outros países.

A construção da hidrelétrica de Tucuruí foi realizada em duas etapas, sendo a primeira iniciada em 1974, no governo militar e a segunda em 1997 e inaugurada no governo do PT. E

a área alagada depois da construção da usina é de dois mil e oitocentos metros quadrados. Naquela época Tucuruí, Breu Branco, e Novo Repartimento formavam um só município. Sendo Breu Branco e Novo Repartimento município de Tucuruí com cinco mil habitantes. Com a construção da barragem começou a migração de pessoas de outras cidades e de outros estados provocando um inchaço na cidade de Tucuruí. Desde então, aqueles povos que moravam em torno do rio Tocantins foram forçados a saírem de suas áreas.

Porém, em mil e novecentos e noventa e sete iniciou a segunda etapa da construção da barragem e a mesma foi inaugurada em dois mil e oito já no governo do PT. Aumentando o caos, a violência, a prostituição e o uso de drogas naquela região. Pois a vida dos ribeirinhos, pescadores e índios tomava outro rumo. Sendo que, a energia consumida em Tucuruí é a mais cara do país e de péssima qualidade. Dados apresentados pelo Alberto Ribeiro comprovam que a Usina Hidrelétrica de Tucuruí (foto 6), e até hoje é a quarta potência mundial em geração de energia, produzindo 8,5 GW. Com a produção agrícola e pecuária houve a necessidade de criar dentro do projeto da á eclusa para viabilizar a passagem das barcaças utilizadas no transporte desta produção.

Segundo dados do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a construção gerou revoltas na vida dos ribeirinhos, pescadores, quilombolas, índios daquela região. A Eletrobras criou projetos ambientais para maquiar os impactos provocados pela Usina Hidrelétrica. Projetos que traz a perspectiva de esconder os crimes, que ela mesma os praticou contra os ribeirinhos.



**Foto 6: Usina Hidrelétrica de Tucuruí, operada pela Eletronorte.**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2014).

### **3.5 - RODOVIA TRANSAMAZÔNICA**

Durante o percurso da viagem pela rodovia transamazônica percebemos o descaso do poder público, pois a estrada que teve início em 1972 no Governo de Emilio Garrastazu Médiçi, sendo a terceira maior do mundo. Começa em Cabedelo na Paraíba e vai até ladre-a no Amazonas e tem um Percurso de 4222 Km, ainda hoje não foi asfaltada e o trafego é intenso. No percurso vimos a reserva indígena Paraná que foi afetada pela barragem de Tucuruí.

### **3.6 - VISITA AO PEDRAL DO LOURENÇÃO**

A viagem de campo se estendeu até a Vila Tauari (foto 7), localizada a 19 Km da sede do município de Itupiranga. A população da Vila está vivendo um momento de conflito entre ambientalista e comunidade com o projeto que foi aprovado para o rio, a Vila e os ribeirinhos poderão e sofrer vários impactos sociais e ambientais.

**Foto 7: Comunidade ribeirinha Vila Tauari**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2014).

O projeto é para destruir o Pedral, conhecido como “Pedral do Lourenção”, existente no rio Tocantins, tornando-se navegável pra transportar minério da Vale do Rio Doce, produção agrícola e pecuária, e com a destruição do Pedral algumas espécie de peixes, como cari que é uma espécie de peixe que usa o Pedral para sua proteção e reprodução e algumas algas, também estarão em ameaça, pois algumas precisam do pedra para se reproduzir, e com a explosão, a poluição sonora e química poderá afastar ou levar a morte os animais ali existentes. Apesar de tudo isso alguns moradores da região discordam da visão dos ambientalistas, que acham que com todo este investimento trará progresso e renda coma a chegada de trabalhadores para a explosão do Pedral e alargamento do rio (Relatório Sistemático da Viagem de Campo-primeira etapa, agosto 2014).

### **3.7 - A PESQUISA SOCIO EDUCACIONAL I – TEMPO COMUNIDADE**

Tempo Localidade: Histórias Locais e História de Vida e Comunidade

A primeira pesquisa no Tempo-Comunidade (TC), aconteceu no Acampamento Helenira Resende, organizado pelos Movimentos Sociais dos Trabalhadores Sem Terra, no município de Marabá/PA. A ocupação da área da Fazenda Cedro, ocorreu no dia 01 de março de 2009, por volta das 6:00 da manhã, com aproximadamente 268 famílias, antes de acontecer

a ocupação, foi feito todo um trabalho de base na cidade de Marabá com toda estratégias caladinho sem muitas pessoas saber. (entrevista realizadas, 2014).

Helenira Resende foi uma militante de vários movimentos entre eles Movimentos sociais, nos anos de 1996 a 1975, Helenira se juntou a outros companheiros na tentativa de desencadear a Revolução do País, a Guerrilha do Araguaia. Com bravura e heroísmo, 69 militantes do PCdoB deram início nas matas da Amazônia um episódio de 8 anos, de coragem, no qual foram necessários mais de 20 mil soldados das Forças Armadas, bombas, barcos e helicópteros para derrotá-lo.

No dia 29 de setembro de 1972, aos 28 anos de idade, Helenira foi morta em uma emboscada. Conta-se que a coragem da moça irritou tanto a tropa que mataram -na ali mesmo. Morta a golpes de baioneta, depois de metralhada nas pernas e torturada. (Declaração da ex presa política Elza de Lima Monnerat, em Auditoria Militar, à época, afirmou que “...Helenira ao ser atacada por dois soldados, matou um deles e feriu outro.”) (Relatório do primeiro trabalho de pesquisa, 2014).

Durante as pesquisas estivemos muito apoio dos acampados eu por exemplo por não ser moradora do acampamento fui bem recebida, os colegas de curso me convidaram para fazer parte do grupo de trabalho de pesquisa desenvolvido no acampamento, dedicaram a depor e narrar a histórias de vida e trajetória no acampamento desde a ocupação da Fazenda Cedro, a coleta d dados e informações e transcrição das entrevistas e fazer as sistematização e socialização no Tempo-Universidade, conforme entrevista realizada em 27 de setembro de 2014 com o sr M.M:

“...Eu quero dizer pra vocês que tô com cinco anos tô aqui dentro que convivo aqui nesse lugar nesse acampamento, é ela primeira vez que participo de acampamento do MST, eu fui convidado pela uma amiga minha, ai eu vim e continuo até hoje, então eu acho que não posso dizer que me dei mal, nem tô me dando mal, até porque aqui faz parte dum além do acampamento aqui é um ensino pra cada um de nós, aqui é como nós temos possibilidade de aprender alguma coisa que nos ainda não tinha aprendido no dia a dia, aqui é uma norma que a gente mais convive de com um para os outros, essa á base de uma base de união e aprender lutar pelo objetivo que a gente sonha né?” (ENTREVISTA REALIZADA DIA 27 de setembro de 2014).

O trabalho de pesquisa do Tempo Comunidade(TC), acampamento Helenira Resende, nosso objetivo foi fazer a sistematização das práticas que desafiam a pensar, observar, analisar, como perspectiva de conhecer mais a fundo a necessidade da comunidade. As memórias e as identidades de cada acampado e sua trajetória de luta pela terra. Nas entrevistas conhecemos a trajetória dos campados, as formas de trabalho na agricultura familiar para subsistência, e ajuda

dos programas sociais do Governo Federal, entre outras atividades que geram renda como: plantio de hortaliças, bananas. Polpas de frutas e açaí.

Essa construção dar-se-á, entre outros momentos no percurso formativo, a partir da adoção da alternância pedagógica e da pesquisa como princípios educativos, sobretudo na realização da pesquisa socio educacional e estágio docência ao longo do Tempo Comunidade (TC), assim como pelas viagens de campo propostas ao longo do curso e dos diversos seminários, desde o início do curso, que buscam aprofundar as reflexões e a compreensão pelos educandos da problemática da questão agrária de maneira ampla, relacionando a realidade regional com a Amazônia e o país, com destaque para a relação entre questão agrária, papel do Estado, atuação dos Movimentos Sociais e a Educação do Campo (PPC, 2014, p.21).

A escola do acampamento o prédio é improvisado pelos acampados para manterem seus filhos estudando sem precisar sair do acampamento, escola foi instituída extra oficial, e com trabalho voluntário de alguns acampados sem formação, a equipe do setor de educação formalizou um diálogo com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que mandou uma equipe verificar a possibilidade anexar a escola do município.

### **3.8 SEGUNDA ETAPA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Na segunda etapa fiquei alojada na Chácara dos Bispos e não tive dificuldade em ficar no coletivo, até porque quando cheguei no curso eu já sabia o que vim fazer e qual a proposta do curso, pois fui criada na zona rural e então sabia que tudo daria certo. A Chácara dos Bispos é uma instituição da Igreja Católica que apoia os estudantes junto a Comissão Pastoral da Terra (CPT), e Movimentos Sociais dos Trabalhadores sem Terra.

### **3.9 PESQUISA SOCIO EDUCACIONAL II - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS LOCALIDADE RURAL**

Entende-se por práticas pedagógicas práticas educativas sistemáticas, planejadas, desenvolvidas com objetivos, conteúdos e métodos definidos formalmente, de modo não-espontânea, que submetem a formação a processos de avaliação do aprendizado construído como recurso para reorientação da ação educativa realizada, para produzir conhecimento por meio da problematização, sobre uma dada realidade, fato, fenômeno, prática, relações, coisas, etc. em um determinado contexto (campo de pesquisa), buscando compreendê-lo plenamente a partir de um determinado conjunto de saberes teorizados (referencial teórico).

Este relatório tem como objetivo apresentar as práticas pedagógicas desenvolvidas, e a realidade das escolas do campo partindo das observações, registros, organização de informações, coleta de dados no decorrer da pesquisa Sócio - educacional II levantados pelos

educandos da turma Licenciatura e Educação do Campo (LEC 2014). Pesquisa realizada na escola Alto Alegre localizado no acampamento Helenira Resende situado às margens da BR 155 km 52, zona rural de Marabá.

### **3.10 OBJETIVO DA PESQUISA**

Analisar as práticas pedagógicas de educação escolar e não-escolar, mapeando tais práticas e descrevendo as suas características, resultados, contradições e condições em que os processos pedagógicos se desenvolvem na escola da comunidade Helenira Resende.

### **3.11 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA**

- Pesquisar de uma forma, mais sistêmica as formas escolares e não – escolares desenvolvidas na comunidade.
- Conhecer as dificuldades das escolas do campo.

### **3.12 PESQUISA III - PRODUÇÃO EDUCACIONAL- REALIDADE DAS LOCALIDADES**

O sub- projeto foi iniciado a partir do dia 28 de março até final do mês de junho com a socialização com a escola junto com a comunidade para a exposição do produto final do projeto que gerou uma cartilha com a descrição das plantas, nomes, desenhos, e receitas trabalhadas em sala de aula com alunos da turma do 5º ano do ensino fundamental.

Esse projeto relata como a cultura popular veem mostrar seus saberes tradicionais com uso das plantas medicinais no processo de elaboração de remédios caseiros para a partir do manuseio que são usadas suas propriedades medicinais para a cura de doenças, a preservação e cultivo das plantas em casa nos quintais, em canteiros e vasos e manter a valorização dessas plantas além dos históricos das plantas e familiar.

### **3.13 OBJETIVOS:**

Resgatar a cultura popular junto aos saberes usados para o uso das plantas medicinais que ao longo dos anos veem sendo desvalorizados e perdendo a preservação e cultivos, devido ao crescimento de medicamentos nas farmácias que a população estar deixando no esquecimento, que a essência das tradições se revigore junto aos conhecimentos e acultura popular, os saberes de um povo.

Das experiências que desde os costumes e saberes dos nossos avos e outros familiares, amigos que aprendemos a usar as plantas para tratamentos de algumas patologias (foto 8), que usamos desde as folhas, frutos, caule, e raízes, e de várias formas como chás, suco das folhas,

banhos, xaropes, maceração, e uma espécie de farinha feita com as raízes que são raladas ou exposta ao sol depois de seca e pisada no pilão de madeira tradicional e peneirada. Para além dos históricos das plantas existe todo um histórico familiar que de forma carinhosa das receitas preservação e cultivo, remete aos ensinamentos que relembra, avós, mães, amigos alguém que deixou uma herança de sabedoria que passa para gerações.

**Foto 8 - Produção textual das receitas de plantas medicinais**



Fonte: LPEC 2014

#### **4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO/PESQUISAS SÓCIO-EDUCACIONAL/ESTÁGIO DOCÊNCIA**

Nas etapas de estágios nos tempo-comunidade para realizar as pesquisas, tive fácil diálogo com as famílias e alunos, só não tive total sucesso nas informações, mas de certa forma tive ajuda da comunidade Olho D'água do Coco para minha formação e hoje tenho uma boa relação com toda equipe pedagógica da escola e alunos. Além de moradora, sou mãe de aluno da escola do povoado também e, no ano 2019, recebi proposta e aceitei ser monitora do “Programa Novo Mais Educação”. Na maioria desenvolvi um bom trabalho, aprendendo muito na área da disciplina de Produção textual e linguagens, por ser possível trabalhar as leituras e escritas com a disciplina de Língua Portuguesa nas turmas de sexto, sétimo e oitavo ano. Tive

como base a formação que tinha na graduação para desenvolver as atividades e as dinâmicas pedagógicas e, assim trabalhá-las em sala de aula.

Serão realizados durante o Tempo-Espaço Localidade/Comunidade em escolas e comunidades do campo, com carga horária de 400h, ao longo de quatro momentos diferenciados e articulados às atividades de pesquisa Socio-educacional e estudo. O estágio constitui-se na vivência e exercício profissional da docência na área de conhecimento escolhida pelos estudantes, sob orientação e acompanhamento de professores e supervisão da parte concedente articulada ao planejamento das instituições de ensino campo de estágio. Para isso é necessário, de acordo com a Lei nº 11.788, de 25/09/2008, que o Educando esteja regularmente matriculado e frequente a Instituição de Ensino, que haja compatibilidade entre as 42 atividades desenvolvidas no estágio e as do termo de compromisso que também deverá ser firmado entre a Instituição de ensino e a parte concedente. Estágio obrigatório é aquele definido como tal no Projeto Político do Curso, cuja carga horária e requisito necessário à obtenção do diploma, já o estágio não obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescido à carga horária regular obrigatória. Objetiva-se com isso consolidar o conhecimento do educando apreendido durante a vivência na Universidade e partir desse momento, a Pesquisa Socio educacional e os Estágios-Docência são articuladas de maneira conjunta, ou seja, pesquisa e estágio integram o componente formativo dos educandos.(PPC,2014, p.41)

Os estágios se dar nos momentos de alternância pedagógica, Tempo Universidade e Tempo Localidade, são divididos em quatro etapas sendo desenvolvidas atividades na praticas em sala de aula, tendo como princípio educativo dentro das propostas do curso, saberes escolares, práticas pedagógicas, cultura, trabalho e juventude. Uma experiencia de partilhar informações e aprendizado dentro das disciplinas da educação do campo no percurso formativo que fundamentam o aprendizado e desenvolvimento na prática em sala de aula. As dinâmicas trabalhadas em sala de aula pelos professores durante o percurso formativo na educação do campo, fez com eu desenvolvesse um bom trabalho hoje na atualidade em sala ade aula no trabalho que estou desenvolvendo na monitoria do Programa Novo Mais Educação na Escola Estadual Raimundo Nonato Leite na comunidade onde moro e realizei os estágios no percurso formativo.

Essa construção dar-se-á, entre outros momentos no percurso formativo, a partir da adoção da alternância pedagógica e da pesquisa como princípios educativos, sobretudo na realização da pesquisa socio educacional e estágio docência ao longo do Tempo Comunidade (TC), assim como pelas viagens de campo propostas ao longo do curso e dos diversos seminários, desde o início do curso, que buscam aprofundar as reflexões e a compreensão pelos educandos da problemática da questão agrária de maneira ampla, relacionando a realidade 22 regional com a Amazônia e o país, com destaque para a relação entre questão agrária, papel do Estado, atuação dos Movimentos Sociais e a Educação do Campo (PPC, 2014, p.21).

Nas leituras do referencial teóricos para realizar os estágios, ficou bem patente minha falta de hábito de ler; essa foi uma das dificuldades que tive no decorrer do curso. Na disciplina de produção textual percebi o quanto eu teria que melhorar na leitura, escrita, interpretação e

organização das ideias - na hora da escrita, os textos que eu lia não conseguia entender nada. Senti meu progresso na metade do curso, mais ainda tenho alguma dificuldade até hoje, procurando melhorar a cada dia, por conta da formação e elaboração de textos com coesão e coerência.

As leituras dos textos e escritas durante o curso foram uma atividade que fizeram grande diferença no meu aprendizado, melhorando a leitura, escrita e interpretação, assim contribuindo em minha formação. Na atualidade, vejo quão grande foi meu desenvolvimento, quando faço leitura e subsequente interpretação de textos ou livros que ajudam a evoluir na escrita, conforme atesta Paulo Freire no livro “A importância do ato de ler” (FREIRE, 1989).

Tive dificuldade na digitação e pesquisa de textos pois não tinha curso de informática e pouco conhecia sobre o manuseio de arquivos e aplicativos de edição de texto. Tive que aprender por necessidade. No decorrer do curso, aprendi no coletivo, quando não dava certo eu pedia ajuda aos colegas para utilizar os programas de computador. Hoje em dia ainda tenho dificuldades em alguns assuntos como formatação de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Trata-se de uma reflexão que pode nos ajudar a lembrar que continuamos, sim, defendendo e lutando pela escola unitária, mas que o unitário não pode ser um falso universalismo (porque abstrato ou porque de alguma forma ‘imperial’, ou seja, tratar de uma particularidade como se ela fosse universal). O unitário é a ‘síntese do diverso’ e o campo historicamente não tem sido considerado nessa diversidade. Por isso já há quem afirme que hoje no Brasil a construção da escola unitária passa pela Educação do campo (CALDART, 2009, p.46).

#### **4.1 - PRIMEIRO ESTAGIO OBSERVAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Tema: Saberes Escolares

Estágio-Docência de Pesquisa–Observação, tem como objetivos a análises documental de observar os objetos, conceitos e conteúdos disciplinares de história e geografia no contexto e nas relações com os saberes escolares na educação rural, foco a disciplinarização do ensino da Educação Básica, na segunda etapa do ensino fundamental, com a observação do currículo na sua dimensão dos conteúdos disciplinar de história e geografia, comparados aos Parâmetros Curriculares Nacionais, currículo formal e currículo praticado.

Sendo assim a Escola Raimundo Nome Leite, responsável pelo ensino dos alunos, visto que o povoado tem o trabalho voltado exclusivamente para agricultura passando a oferecer a partir de agosto de 2006 o Ensino técnico-agrícola e profissionalizante na Educação do Campo, Pro-jovem e Saberes da Terra, capacitando a mão de obra existente e melhorando a condição



de vida social da comunidade até o ano de 2011 atualmente 2015 a Escola oferece o Ensino de 6º ao 9º ano do ensino fundamental e Ensino Médio completo, portanto, trata se de uma comunidade do campo, onde predomina a agricultura família.

Relatório das análises da observação tempo localidade em sala de aula do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, realizado na Escola Estadual Raimundo Nonato Leite na comunidade/povoado Olho D' água do Coco, zona rural no município de Sitio Novo do Tocantins.

Este presente trabalho é análise do estágio docência pesquisa- observações durante o 4º tempo espaço localidade na Escola Estadual Raimundo Nonato Leite localizada no povoado Olho D'água do Coco município de Sitio Novo do Tocantins zona rural, nas observações durante as aulas tanto em sala de aula como nos espaços coletivos e relacional dos demais funcionários e alunos e toda equipe pedagógica e comunidade geral, a escola oferece o melhor já que os alunos tem baixo nível de instruções, as famílias também terem poucas instruções no que tange relação estudos, sendo que as famílias começam a trabalhar muito cedo para o sustento e ajudar os pais, e os estudos são encerrados mesmo antes de concluir o ensino fundamental.

As minhas experiencias na comunidade foram importantes, pois agora consigo vislumbrar a história local do povoado de forma científica. Ficou mais fácil compreender a cultura dos moradores e formas de trabalho existentes, o porquê das dificuldades locais, ou seja, tudo que diz respeito a comunidade. A pesquisa que fiz trouxe resultados positivos para todos. Eu como pesquisadora, nem imaginava enxergar com outros olhos o que eu pensava que conhecia da comunidade onde cresci. Em verdade, eu aprendi muito com os entrevistados no processo formativo, cada descoberta foi uma experiência nova e marcante para minha formação. Sobre o assunto, Molina (2012) relata que:

Esta é um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores possibilidades da escola do campo: articular os conhecimentos que os têm o direito de acessar, a partir do trabalho com a realidade, da religação entre educação, cultura e os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento. Surge daí uma grande potencialidade de dimensões formativas que foram separadas pela cultura fragmentada e individualista do capital, embora, na vida real, estejam articuladas e imbricadas. Além de contribuir com a construção da autonomia dos educandos, essas articulações propiciam a internalização da criticidade necessária à compreensão da inexistência da neutralidade científica, com a localização da historicidade dos diferentes conteúdos e dos contextos sócio históricos nos quais foram produzidos (p. 326-333).

## 4.2 ESTÁGIO DOCÊNCIA INTERVENÇÃO ENSINO FUNDAMENTAL

Tema: Cultura

Esta pesquisa se justifica devido à desvalorização das tradições populares vem se aumentando nos dias atuais, com o avanço da globalização e do capitalismo, principalmente na geração jovem com uso da tecnologia se esquecem de suas verdadeiras raízes de identidade local de origem, assim dando espaço a cultura imposta pela a mídia, que favorece ao desequilíbrio popular. Desta forma, também se justifica pela importância do resgate e valorização da a cultura local e a identidade cultural das origens da comunidade, buscando, assim, aumentar a percepção, sobretudo dos jovens sobre a importância da manutenção da cultura local/conhecimento popular.

O presente relatório vem propor uma nova consciência sobre o assunto, a partir de conversas com estudantes do ensino fundamental, levando se em conta seus conhecimentos, a fim de construir um verdadeiro saber sobre o assunto, que valorize as origens e o pensamento dos sujeitos envolvidos. Tais pensamentos sofreram uma redução devido a migração de alguns moradores antigos; falecimentos, mudanças de cunho religioso e problemas de saúde também vem contribuindo para a redução do saber popular sobre o assunto.

A pesquisadora também entende que somente com a participação ativa dos grupos sociais no processo de tomada de decisões sobre questões que lhes dizem respeito e que implicam diretamente sobre o tema abordado, poder-se-á realmente educar - educar é diferente de orientar. Orientar significa excluir os grupos sociais da tomada de decisões de seus problemas coletivos; já educar, significa envolver os sujeitos no processo, com a problematização e reflexão crítica de todos sobre o tema.

Os movimentos sociais trazem para a pedagogia algo mais do que conselhos moralizantes tão do uso das relações entre mestres e alunos. Recolocam a ética nas dimensões mais radicais da convivência humana, no destino da riqueza, socialmente produzida, na função social da terra, na denúncia da imoralidade das condições inumanas, na miséria, na exploração, nos assassinatos impunes, no desrespeito à vida, às mulheres, aos negros, na exploração até da infância, no desenraizamento, na pobreza e injustiça... Aí nessas radicalidades da experiência humana os movimentos sociais repõem a ética e a moralidade tão ausentes no pensamento político e social. E pedagógico também (ARROYO, 2003,p.42).

Assim a educação como cultura, torna-se relevante pela intervenção gerando conhecimento para a pesquisadora e alunos, visando o planejamento e execução de ações

futuras para retorno das manifestações populares, bem como possibilitar abertura de novos estudos na área, tendo como principal foco a educação participativa e verdadeira dos sujeitos envolvidos.

O presente relatório apresenta os resultados positivos da pesquisa-ação voltada para manifestações culturais e populares na percepção dos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Raimundo Nonato Leite na Comunidade/povoado Olho D'Água do Coco município de Sitio Novo do Tocantins.

A percepção dos estudantes sobre o tema trabalhado “Cultura” percebe-se que os estudantes não conhecem nem tem interesses sobre a cultura local da comunidade, somente alguns estudantes sabem das festas populares e como tradição do povo e épocas do ano que são cultuadas, levando em consideração que alguns não participam e não tem interesse enquanto outros não souberam responder sobre o tema, os mesmos reconhecem que o avanço da tecnologia faz com que se perde o interesse e a curiosidade sobre resgatar os saberes tradicionais do povoado.

Ainda sobre o tema os estudantes não souberam responder qual o entendimento deles sobre cultura, comprovou-se, que com esta pesquisa-ação voltada para a educação em manifestações populares, surtiu efeitos positivos para o resgate da cultura local, pois a diminuição vem causando impactos no povoado, como manter viva as tradições, festas, crenças, rituais, e danças de rodas em especial o Lindô, que era a dança de roda que mais se praticava no período de semana santa.

Falta orientação e estímulos como aulas práticas sobre a cultura local e não local, para desenvolver a cultura dos estudantes juntos a comunidade seguindo as tradições e rituais, respeitando as crenças e religiões de cada um, fazer de forma que todos se sintam bem e resgatar sua cultura de origem bem como gerar conhecimentos sobre outras culturas regionais em geral.

.Brandão (2002) afirma que:

O homem se coloca inicialmente como um ser da natureza, mas que se diferencia dos demais animais pelo o fato de possuir a capacidade de pensar e com isso ser um sujeito da cultura. Com isso Brandão nos remete ao conceito inicial de cultura, oriundo do pensamento científico de Immanuel Kant, séc. XVIII, que estabelece uma diferença essencial entre homem e natureza: O fato do homem pensar, possuir a razão, agindo por, de acordo com valores e fins (BRANDÃO, 2002, p.17 ).

Como pensar, o homem desenvolve memória e história, e com isso um conceito Universal de cultura, porém que, segundo Brandão, não é aceito por todos porque não contempla as diferentes linguagens e “gramaticas” do mundo. O autor encaminha a discussão

perpassando pela a capacidade de simbolização do ser humano, que se desenvolve além da consciência reflexa, compartilhada com alguns animais, para a consciência reflexiva, que estabelece a noção do “eu” e a compreensão simbólica do mundo.

O que as ideias de Paulo Freire e as práticas – breves e fecundas – dos movimentos de cultura popular procuram estabelecer em seu tempo e nos deixam como herança são esboçadas por Brandão (2014) e aqui resumidas: a) Têm como ponto de partida a busca de uma interação equitativa entre diversos campos de pensamento, criação e ação social, através dos saberes das ciências, cinema, teatro, literatura, música, artes plásticas, educação, vivida como arte e prática, compreendidas como diferentes domínios humanos de criação de novas ideias, com uma convergente vocação político-transformadora. Assim, seria através da partilha de todas e de cada uma dessas vocações, no interior de projetos de “criação do novo” e de “transformação através da inovação” que uma nova cultura deveria ser, paulatinamente, criada. (BRANDÃO, 2002, pp. 98-99)

As expressões da cultura popular não se encontram em documentos formais. Sobre manifestações culturais locais, uma das formas mais fácil de se extrair informações é uma boa roda de conversa com pessoal mais antigo de uma determinada comunidade, pois sempre tem alguém que vivenciou as práticas das festas populares, costumes, crenças, superstições, cantos, vestes, lendas, artes, tudo conservado na memória do povo. Quando iniciamos uma conversa informal com moradores sobre as manifestações culturais voltadas para cultura local, alguém lembra dos “causos”, sejam sonhos ou “pesadelos”. Conversa com a expressão de “saudades” relembra dos momentos contagiantes para quem está ouvindo se sentir na narrativa dentro dos fatos históricos.

Quando se trata das festas de rodas, todos conhecem, mas nada é documentado formalmente, só falam que quando nasceram a dança de roda já existia ou aprenderam com os pais que aprenderam com os avós, dando sequência às gerações. A dança do Lindô, por exemplo, é conhecida por todos, sendo relatado a forma pela qual aprenderam, sendo praticada no período da quaresma logo após o terço, juntando-se as pessoas e fazendo a roda, dando início a festa. As informações orais dão originalidade e existências das tradições de como eram praticadas e dando nome aos personagens como familiares próximos e conhecidos, e assim as raízes vem se entrelaçando nas gerações até nos dias atuais.

### **4.3 ESTÁGIO DOCÊNCIA OBSERVAÇÃO NO ENSINO MÉDIO**

Tema: Categoria Trabalho

O presente relatório tem o objetivo de trazer as informações coletadas e positivas do estágio pesquisa - observação em sala de aula nas turmas de primeiro, segundo e terceiro ano

do ensino médio, no ensino de ciências humanas e sociais, as disciplinas observadas foram História, Geografia e Sociologia, como se dá o ensino das três disciplinas citadas na categoria trabalho na Escola Estadual Raimundo Nonato Leite, as turmas são únicas no turno vespertino, e como a juventude se enxerga dentro desse contexto, e os sujeitos envolvidos na mesma categoria do trabalho formal e informal e práticas de trabalho na comunidade/povoado como um todo, percepção dos estudantes em relação ao mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio e já estudantes que trabalham e estudam no momento.

A importância de ampliar o conhecimento no ensino de ciências humanas no ensino médio como mediador entre o estudante e o mundo cercado pelo os interesses capitalista, que prepara o estudante para o enfileiramento na “sociedade burguesa”, de se tornar um cidadão que saiba a conviver coletivamente numa sociedade que ainda tem uma desigualdade de classes sociais, e que os estudantes consigam absorver os ensinamentos dentro das disciplinas citadas acima para melhor se sobressair futuramente, tanto no lado profissional como social, para que nem todos caiam na máquina que transformam as pessoas em caixinhas moldadas pelo capital da força de trabalho humana.

Essa dupla regressão se potencializa no campo educacional e se materializa na ideologia das competências e da empregabilidade. Trata-se de traduzir, no plano educacional, um ideário onde não há lugar para todos e o problema não é coletivo, mas individual. As competências a serem desenvolvidas e que garantem empregabilidade são as que o mercado reconhece como as que tornam cada trabalhador o máximo produtivo. O capital agora não só se interessa pela força física, mas também pelas qualidades intelectuais, emocionais e afetivas. De resto, o empregável tem a qualidade mercantil de ser flexível e de permanecer com garantia de emprego apenas enquanto funcional ao seu empregador. Uma pedagogia que apaga a memória de organização, de coletividade e também de direito ao trabalho (FRIGOTTO, 2005, p.168-194).

O trabalho por muito tempo foi visto como solidariedade coletivamente na convivência em comunidades, a partir da influencias capitalista a força de trabalho se tornou mercadoria, exposta a todo preço por que não tem valor quando se trata de capital. A força de trabalho humana está nos dias atuais cada dia menos valorizada nos grandes investimentos capitalistas no mundo moderno, cada trabalhador tem menos direitos, e precarização da força de trabalho humana nos espaços empresariais. A terceirização ganha espaços deixando a classe trabalhadora a mercê das necessidades básicas da vida cotidiana.

A relação das disciplinas no processo de aprendizagem e mundo do trabalho no que tange atividades escolares em sala de aula como princípio educativo, para a ampliação do conhecimento dos educandos e comunidade se contrapõe juntas na produção de conhecimento

escolar e não escolar, todos os espaços formais e não formais que fazem essa junção de conhecimentos empíricos, tradicional e científico, de forma que contribui no processo formativo.

O trabalho produtivo e a produtividade do trabalho, no âmbito da produção capitalista, têm um sentido específico e, portanto, não podem ser tomados na sua dimensão absoluta de produção de valores de uso. O trabalho, sob o capitalismo, é transformado em força de trabalho despendida pelo trabalhador, mercadoria especial e única capaz de acrescentar ao valor produzido um valor excedente. Por isso, “trabalho produtivo no sentido da produção capitalista é o trabalho assalariado que, na troca pela parte variável do capital (a parte do capital despendida em salário), além de reproduzir essa parte do capital (ou o valor da própria força de trabalho), ainda produz mais-valia para o capitalista (...) A produtividade no sentido capitalista baseia-se na produtividade relativa; então, o trabalhador não só repõe um valor precedente, mas também cria um novo; materializa em seu produto mais tempo de trabalho materializado no produto que o mantém vivo como trabalhador. Dessa espécie de trabalho produtivo depende a existência do capital (MARX,1974, p. 132-133) (Frigotto, 2005, p.83-105 ).

#### **4.4 ESTÁGIO DOCÊNCIA - INTERVENÇÃO NO ENSINO MÉDIO**

**Tema: Trabalho e Juventude**

**Objetivo Geral:**

- I. Desenvolver atividade didático pedagógico problematizando a complexidade do mundo do trabalho em sala de aula com os estudantes do Ensino Médio nas disciplinas de História, Geografia, e ou Sociologia.

Durante a pesquisa-ação os estudantes se empenharam e desenvolveram suas percepções considerando a conversa informal com os moradores, como exemplos da própria casa dos trabalhos realizados no seio da família que não são vistos como força de trabalho, levando em consideração apenas trabalho assalariado, o autônomo ou qualquer força de trabalho desenvolvida não seja uma forma de trabalho.

Este trabalho é o resultado da pesquisa-ação do estágio docência IV, na Escola Estadual Raimundo Nonato Leite no Povoado/Comunidade Olho D'Água do Coco Município de Sitio Novo do Tocantins/ Zona Rural. Estágio foi realizado na turma do terceiro ano do Ensino Médio no turno da tarde na disciplina de História sobre observação do Professor regente José Domingos Lobo da Silva, em parceria com professor regente que se manteve todas as aulas durante o projeto junto e intervindo quando havia necessidade, para o professor foi usado como avaliação do segundo bimestre da turma, levando resultado de pesquisa para a Coordenação do Ensino Médio e Seminário e produto final, exposição das atividades durante o projeto, cartazes.

Primeiro momento a elaboração do plano de aula com a temática “Trabalho e Juventude”, com aulas dialogadas e aula de campo/pesquisa/questionário aberto, durante as aulas foram realizadas rodas de conversa e leitura do texto “A classe que vive do trabalho” interpretação escrita sobre o texto, segundo momento filme “Tempos Modernos” reflexão escrita sobre o filme, e terceiro momento após as aulas e interação dos estudantes foi realizada aula de campo, pesquisa, questionário na comunidade, tendo resultado positivo das aulas e atividades em sala.

O trabalho teve como produto final o seminário onde os estudantes apresentaram exposição fotográficas das amostras (cartazes), que as aulas durante o estágio resultou nesse produto final além dos questionários individual, todas informações foram colhida pelo os alunos registro das formas de trabalhos, apresentação para as turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio e equipe Docente da escola em geral, após apresentação os Professores fizeram uma fala sobre o tema abordado, e alunos também contribuíram, os alunos de outras turmas interagiram bem dentro da temática em debate.

Na comunidade foi realizada a I Feira do Babaçu em homenagem as quebradeiras de coco da comunidade e Missa de Ação de Graça ao Padre Josimo Tavares, e Participação da Senhora Raimunda quebradeira de coco e moradora do Povoado Sete Barracas Município de São Miguel do Tocantins/Zona Rural.

O padre Josimo Tavares de São Sebastião do Tocantins, cidade norte do Tocantins, não fazia parte de nenhuma ordem da Igreja Católica, mas era militante do Evangelho e defensor dos excluídos. Por sua atuação, ele foi assassinado por pistoleiros a mando de fazendeiros na cidade de Imperatriz, em 1986, (ALDIGHIERI,1993). A organização das mulheres em sindicatos e associações nas comunidades principalmente da Igreja Católica (Brito, Almeida, 2017p.232).

Apresentação de grupos de dança da cultura local do povoado/comunidade, dança do coco e peça teatral. Ainda foram expostos os produtos derivados do coco babaçu para consumo e excedentes, Óleo, azeite, farinha do mesocarpo, carvão do coco inteiro e da casca, artesanato. Os alunos estiveram participação direta na I feira do babaçu, contribuindo com atividades que foram realizadas na I primeira feira do coco babaçu na comunidade Olho D’água do coco, sobre a supervisão do professor (prof.º Milton), responsável pelo Programa Novo Ensino Médio.

## **5. ATIVIDADES COMPLEMENTARES NO PROCESSO FORMATIVO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Durante meu percurso formativo participei de vários seminários ofertados pela FECAMPO e outros independentes, como também de um curso de extensão intitulado “Educação das Relações Étnico-Raciais: A História da África e a Cultura Afro-Brasileira na Sala de Aula”, Projeto PROEXT\MEC, desenvolvido pelo N’UMBUNTU. A classificação das raças identidades históricas e sociais, nomes recebidos aos brancos, índios, negros e mestiços, que Estado obriga a identificação sendo parte da forma de exploração do capitalismo colonial (QUIJANO, 1997). Esse curso me permitiu refletir que, muitas vezes, o preconceito está dentro de casa no seio das famílias. O curso abordou, entre outros assuntos, a questão do racismo e preconceito, assuntos pouco debatidos em sala de aula e a aceitação dessa temática nos currículos e livros didáticos para se trabalhar em sala aula.

Esse curso de extensão foi importante para mim, pois nos encontros semanais debateu-se preconceitos e racismo na sala de aula - tema ainda bastante controverso. Esse curso foi um estímulo para mim, futura profissional da educação, pois os participantes do curso, na sua grande maioria, eram professores da rede municipal e estadual, além dos professores universitários da UNIFESSPA. Abordou-se como tratar temas étnicos-raciais em sala de aula, para desconstruir a visão social de racismo e preconceito, não só com afrodescendentes, mas com todas as formas de preconceitos que afetam direta e indiretamente a sociedade.

Fui colaboradora do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) na função de aplicador de prova, nos anos de 2017 e 2018. Para desempenhar essa função, fiz capacitações *on-line* na plataforma do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), seguindo as coordenadas e realizando todas as etapas, gerando certificado de 20 horas de aproveitamento ao concluir as atividades. Foi uma experiência ótima e de aprendizado, porque me ajudou bastante a fazer leitura e desenvolver o raciocínio lógico e trabalhar em equipe para realização das provas com segurança.

Durante o período intervalar do curso, em 2015/16, fui monitora em Educação Especial na Escola de Ensino Fundamental e Médio Elinda Simplício Costa, no bairro Laranjeira e na Escola de Ensino Fundamental Eloisa de Sousa Castro, no Bairro Liberdade, ambas em Marabá/PA. Foi um aprendizado importante, pois tive a oportunidade de observar a inteligência e interesses de alunos portadores de necessidades especiais e como são as instruções em sala para esses alunos e seu aprendizado, a interação com os espaços escolares e colegas de sala, a participação nas atividades e a luta das mães para inserir seus filhos nas escolas públicas e ter direito a monitores mantidos pela Secretaria de Educação de Marabá (SEMED), através de



parceria entre o Centro de Integração Escola-Empresa (CIEE) e Prefeitura Municipal de Marabá (PMM).

Observei, enquanto monitora, que a diferença da relação do aluno especial se dá entre os adultos e não das crianças; às vezes, os adultos e professores têm atitudes que nem se dão conta e acabam fazendo uma distinção e agindo como se a criança especial não estivesse ali presente, fato que me intrigou muito durante a monitoria. Nesse período, em sala de aula, aprendi nas leituras de Piaget (1978), os estágios de desenvolvimento da educação infantil, durante a disciplina de Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, tive a compreensão e passei a entender como se dá processo de aprendizagem na educação infantil. Segundo Lara (1998, p. 27), “é a história que educa, a história coletiva e individual como cada um narra suas experiências na formação enquanto escolar e não escolar, para além da academia, a educação formal e não formal significa um legado na trajetória humana na construção do conhecimento”.

O autor prossegue relatando que:

A história e, nela, o progresso no campo das ciências humanas, como a sociologia, a antropologia e, sobretudo, a semiótica em geral e a linguística em particular, e a reflexão filosófica contemporânea, nos arraiais do mundo socialista e muito mais fora dele, levaram à superação do marxismo economicista (LARA, 1998, p. 27).

Dessa formação acadêmica em Educação do Campo, tive oportunidade de conhecer outro acampamento (Hugo Chávez), fomos nas roças que foram queimadas, todas as plantações de legumes e grãos como feijão, milho e fava. As famílias perderam sua produção, o acampamento foi organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Nesse período, também visitei os acampados na agrópolis do INCRA em Marabá/PA, onde ocorria uma manifestação dos acampados em busca de resultados. Na ocasião, tive a oportunidade de ver como as famílias do campo se expõem a todos os riscos na busca/luta pela a terra, para produzir.

As experiências na comunidade não foram fáceis mais também não foram tão difíceis que não pudessem ser feitas; mantive o foco no objetivo e fiz o que era para ser feito. Tudo na vida tem uma facilidade e dificuldade, mas a gente vai se desdobrando para conseguir fazer o melhor, levantar a cabeça e seguir em frente. Sempre tive uma boa convivência na comunidade onde fui criada, isso contribuiu muito para minha formação.

As idades da vida, da formação humana passam a ser o eixo estruturante do pensar, planejar, intervir e fazer educativos, da organização das atividades, dos conhecimentos, dos valores, dos tempos e espaços. Trabalhar em um determinado

tempo-ciclo da formação humana passa a ser o eixo identitário dos profissionais da educação básica e de seu trabalho coletivo e individual. O profissional passa a se ver como um educador, um pedagogo, um adulto que tenta dar conta dessas temporalidades do desenvolvimento humano com suas especificidades e exigências. A escola é vista como um encontro pedagogicamente pensado e organizado de gerações, de idades diferentes. Outra concepção de educação, outro profissional, logo, outros mecanismos para sua formação, outras dimensões a serem privilegiadas. (ARROYO, 1999, p.158).

Nas etapas de estágios nos tempos-comunidade para realizar as pesquisas, tive fácil diálogo com as famílias e alunos, só não tive total sucesso nas informações, mas de certa forma tive ajuda da comunidade para minha formação e hoje tenho uma boa relação com toda equipe pedagógica da escola e alunos. Além de moradora, sou mãe de aluno da escola do povoado também e, no ano de 2019, recebi proposta e aceitei ser monitora do “Programa Novo Mais Educação”. Na monitoria desenvolvi um bom trabalho, aprendendo muito na área da disciplina de Produção Textual e Linguagens, por ser possível trabalhar as leituras e escritas com a disciplina de Língua Portuguesa nas turmas de sexto, sétimo e oitavo ano. Tive como base a formação que tinha na graduação para desenvolver as atividades e as dinâmicas pedagógicas e, assim, trabalhá-las em sala de aula.

Nos dias de hoje, muitos professores da zona rural tem formação de nível superior; algumas décadas passadas, a maioria dos professores lecionavam apenas com formação de nível médio ou fundamental; se tivessem alguma instrução, já se tornavam professores nas comunidades, devido a carência de conseguir fazer uma graduação e a falta de profissionais de educação devidamente qualificados. O advento do curso de Educação no Campo foi uma oportunidade para não precisar sair das comunidades, muitas vezes é a realização de um sonho – até mesmo dos pais que não tiveram a oportunidade de concretizá-lo e projetam na formação de seus filhos a realização deste sonho.

A etapa foi finalizando e dando início as orientações sobre a primeira pesquisa do tempo-comunidade, advindo uma grande dificuldade para mim, por não fazer parte de nenhuma comunidade próxima a Marabá, fiquei meio perdida no momento, e logo tive um bom diálogo com os colegas do acampamento “Helenira Rezende” que me adotaram para fazer as pesquisas junto a eles. Como eu vinha de uma comunidade que não tinha essa revista na entrada das pessoas, estranhei a maneira local de receber as visitas, só depois passei a entender o porquê, pois se tratava da própria segurança das famílias acampadas, quando cheguei na entrada (guarita), tive que passar todas informações e revista da mochila que eu estava levando - só assim consegui adentrar à comunidade.

Tive a oportunidade de partilhar experiências dos moradores de como enfrentar as dificuldades, dos riscos que se expõem na luta pela terra, ao ouvir as narrativas durante as primeiras entrevistas de como se deu a ocupação. Enquanto eu transcrevia as narrativas, ao mesmo tempo me dava conta da luta que ceifou vidas e mutilou pessoas, cuja luta diária segue sem saber até quando, visto que o sangue derramado na luta pela terra não foi suficiente para se fazer a reforma agrária. Pensei: Até quando continuará essa luta incansável sem a certeza de resolução do problema fundiário?

Em 1977, quando o conflito fundiário no sul do Pará mal se configurara, Ianni chegou a prever que, diante da aliança entre o capital monopolista e o Estado, "o campesinato pouquíssimo ou nada pode fazer. Cabe-lhe resignar-se à destruição, buscar alguma exígua acomodação ou simplesmente proletarizar-se". No entanto, os camponeses da mesma região que ele estudou e das regiões vizinhas, ao longo destes últimos vinte anos, ao invés de sucumbirem ou de se renderem, vêm demonstrando uma persistente capacidade de resistência à violência dos grandes proprietários de terra; e, ainda, Alfredo Wagner B. Detalhes dessa resistência na região de Marabá se encontram em Jean Hébette. Do mesmo modo, catastróficas previsões sobre o fim de grupos indígenas, apesar de graves elevações nos índices de mortalidade e graves efeitos destrutivos do contacto, não se confirmaram por inteiro. Ao contrário, têm sido vários os casos de vigoroso renascimento de tribos que haviam sido consideradas poucos anos antes em estado terminal. Foi o caso dos índios Parkatejê do Pará. Sobre esse caso, foi também o caso mais recente dos Waimiri-Atruaí, no Amazonas (HEBETTE, 1978, p.).

As dificuldades estavam apenas começando, pois chegando na comunidade fui alojada na casa de uma colega de curso, e sem conhecer alguém, fui logo “puxando conversa” e conhecendo as pessoas, ia de casa em casa, à procura de alguém que aceitasse conversar e dar seu depoimento; muitos não podiam, pois estavam ocupados na roça. Fiquei quase um mês no acampamento, acompanhei como as famílias viviam e tiravam seus sustentos, suas dificuldades desde a falta de água e até alimentos. Mesmo assim, as famílias dependiam de cesta básica doada mensalmente pelo INCRA. Porém, somente recebiam essa cesta quem pagasse mensalmente um valor pré-determinado à coordenação do acampamento, segundo depoimento dos moradores. Eu vendo aquela situação não entedia o porquê desse pagamento. Porém, não questionei com os moradores tal situação, por não ser de minha alçada.

O avanço de madeireiros na floresta e a entrada nos rios internos dos barcos “geleiros” equipados de grandes malhadeiras assustaram os moradores que sentiram ameaçados seus territórios tradicionais e seu próprio modo de vida – um modo de vida construído e reconstruído ao longo do tempo e em espaços diversos. Conforme sua prática de reflexão e de planejamento coletivo e sob uma inspiração mais conciliadora de um novo pároco, brasileiro, diversas igrejas locais e as organizações populares programaram, em 1995-96, uma série de seminários abertos a todos, até mesmo às instituições públicas, que tomaram os nomes de “Seminários sobre recursos naturais” e de “Seminário sobre recursos naturais: madeira e pescado”. Chamaram para

assessorá-los lideranças mais organizadas do Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica (MPST) e uma equipe de pesquisadores do Laboratório Agro - Ambiental da Transamazônica (LAET), ambos de Altamira. Nesses seminários, algumas comunidades apresentaram e aprimoraram um projeto de delimitação, não mais virtual como era, mas física, de seus territórios de vida. Nos anos seguintes, quatro comunidades abriram piques em torno de seus respectivos territórios, identificando por GPS suas referências geofísicas, então registradas por marcos no meio da floresta; faziam ao mesmo tempo um levantamento amostral dos recursos naturais disponíveis. Outras comunidades seguiram a iniciativa. (MOREIRA, HEBETTE, 2009, pp.187-206 ).

As leituras dos textos e escritas durante o curso foram uma atividade que fizeram grande diferença no meu aprendizado, melhorando a leitura, escrita e interpretação, assim contribuindo em minha formação. Na atualidade, vejo quão grande foi meu desenvolvimento, quando faço leitura e subsequente interpretação de textos ou livros que ajudam a evoluir na escrita, conforme atesta Paulo Freire no livro “A importância do ato de ler” (FREIRE, 1989).

Tive dificuldade na digitação e pesquisa de textos pois não tinha curso de informática e pouco conhecia sobre o manuseio de arquivos e aplicativos de edição de texto. Tive que aprender por necessidade. No decorrer do curso, aprendi no coletivo, quando não dava certo eu pedia ajuda aos colegas para utilizar os programas de computador. Hoje em dia ainda tenho dificuldades em alguns assuntos como formatação de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Uma das dificuldades logo no início dos trabalhos foram as transcrições das entrevistas, por ser minha primeira vez como pesquisadora. Também ocorreram dificuldades na compreensão do tema gerador da pesquisa na elaboração do relatório, na questão norteadora que traria respostas para a pesquisa. Porém, depois consegui fazê-las e construir o relatório coletivo com os colegas, pois os trabalhos eram em grupo e necessitávamos sistematizar o trabalho do tempo-comunidade, para a apresentação no retorno à FECAMPO. Para tal, busquei trabalhos realizados e leituras sobre fichamento do livro “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire como um norte para aprender dialogar com a construção do memorial descritivo de percurso formativo.

Segundo Freire (1987), O objeto da investigação é o resultado das observações dos problema diagnosticados durante o trabalho de pesquisa, elementos que a partir da descoberta se torna objeto de estudo para a problematização e análise de como fazer uma intervenção e tentar resolver ou transformar, daí surge o tema gerador como objeto de estudo, relacionando a diversidade cultural, política e social de uma área seja camponesa ou urbana.

Além do gasto com transporte, por conta dos cortes de recursos, a UNIFESSPA suspendeu o auxílio para alimentação. Tive que levar marmita, pois não tinha como comprar

comida na hora do almoço. Caso o fizesse, faltaria recursos para o transporte, gastos com material, cópias e impressões; havia dias de faltar dinheiro até para ônibus, minha família ajudava às vezes, porém também não possuía condições para constantemente me auxiliar, mas dividia o que tinha para ajudar.

Quando chegou a orientação do terceiro tempo-comunidade, tive uma crise e veio uma dificuldade, que me fez refletir o que eu fazia em uma comunidade em que não tinha vínculo e que eu não queria pesquisar. De imediato, tive a ideia de pedir para mudar de comunidade, porque eu queria trazer a história local e experiências da comunidade onde moro. Assim, fui para a comunidade onde fui criada e moro até hoje. Já era início do estágio de observação e fui fazê-lo na Escola Estadual Raimundo Nonato Leite, no povoado Olho D'Água do Coco, zona rural no município de Sitio Novo do Tocantins/TO.

As leituras e dinâmicas na formação contribuíram para eu aprender a elaborar plano de aula, como ler textos e artigos de autores que dialogam com a formação da Educação do Campo, como ter um bom diálogo com alunos durante os estágios de observação e intervenção, como preparar aula e ministrar em sala, como realizar dinâmicas em sala e rodas de conversas e como realizar abordagens sobre o tema a ser debatido. Enfim, aprendi a fazer relatórios de acordo com os trabalhos desenvolvidos nas escolas, em sala de aula.

Como eu estava em minha comunidade, foi mais fácil realizar os trabalhos acadêmicos, pois morava no local e a escola estava dentro da comunidade, não precisando mudar de escola ou ter custos com transporte até a escola, sobretudo quando fui fazer o tempo-comunidade no ensino médio, pois na escola funciona ensino fundamental e médio, o que facilitou um estágio seguido sem mudança de escola e de alunos de fora da comunidade, para melhores resultados na elaboração dos relatórios.

Durante esse estágio, acompanhei o time feminino de futsal da escola nos Jogos Estudantis do Tocantins (JET's), sendo que o time foi classificado para jogar na cidade de Araguatins. Na ocasião, as jogadoras precisavam de um auxiliar do sexo feminino para ficar no alojamento, durante o período dos jogos. Uma pena que a equipe fora desclassificada no segundo jogo e retornamos mais cedo à comunidade.

No tempo-comunidade, as dificuldades continuaram e, no início do ano de 2018, surgiu um caso de doença em minha família que abalou a todos; a irmã da minha mãe foi diagnosticada com câncer maligno de colo do útero e eu tive que acompanhá-la no início do tratamento. Na época, foi uma dificuldade enorme porque quase perdi a disciplina de Libras que estava sendo

ministrada nesse período e tive que entrar com requerimento junto a coordenação do curso para fazer as atividades em tempo hábil.

Diante dessa dificuldade, tive que desenvolver habilidades que eu nem imaginava, como escrever trabalho de conclusão de curso e estudar para concurso público, conciliando as atividades ao mesmo tempo. Na verdade, acabei “perdida” entre um e outro, porém como nem tudo está perdido, fui aprovada e classificada na prova de títulos do concurso público da PMM, na área de humanas/Educação no Campo - foi gratificante porque eu não esperava esse resultado por não ter feito uma preparação condizente para a prova.

Da turma que fiz a intervenção fiquei satisfeita, pois dois alunos da turma do terceiro ano foram aprovados no ENEM. Hoje um deles é acadêmico da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e o outro, conseguiu bolsa pelo PROUNI no Estado de São Paulo, uma realização para os estudantes e para os pais e escola, e incentivo para as turmas em andamento. Toda comunidade se sentiu satisfeita com os estudantes que conseguiram avançar para além do ensino médio, saindo do povoado rural e ultrapassando seus limites em busca dos objetivos.

Na aula sobre as formas de trabalho existentes na comunidade, conversamos com os moradores, agricultores, quebradeiras de coco, pedreiros, dentre outras, atividades essas desenvolvidas como força de trabalho humana. Constituiu-se um despertar para os alunos da turma do 3º ano do ensino médio. Após a leitura sobre o tema, foi projetado o filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, para uma melhor compreensão das atividades. Posteriormente, os estudantes fizeram uma apresentação das atividades desenvolvidas em sala, com contribuição do professor regente finalizando com um seminário que constava apresentações de cartazes das atividades desenvolvidas durante o estágio em todas as turmas, com a participação de outros professores e posterior registro das apresentações pela coordenação da escola.

Na última etapa iniciou-se as orientações para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o tema do TCC. Eu já tinha em mente dar continuidade ao projeto sobre manifestações culturais, pesquisar a cultura local do povoado e suas festas populares, das práticas e tipos de festas que eram cultuadas no povoado e qual o papel dos estudantes jovens na participação destas festas na atualidade.

Chegando à comunidade, fiz as leituras indicadas pelo orientador e realizei uma intervenção na turma do 3º ano do ensino médio sobre o tema, através de roda de conversa com a turma para levantar informações e, em seguida, aplicar um questionário aberto, uma vez que

as entrevistas foram pouco produtivas pelo fato dos estudantes não se sentirem à vontade para falar a respeito do tema.

No questionário nem todos estudantes responderam e outros conseguiram respondê-lo após conversa com seus pais. Para maiores informações, realizei conversas informais com moradores mais antigos do povoado sobre o tema, visando conseguir respostas que dialogassem com tema abordado. Logrei sucesso com essa conversa com os moradores mais experientes, pois eles foram participantes e muitas vezes, protagonistas nessas festas populares locais. Apenas conversei, não efetuei gravação dessas falas, para não correr o risco de dar uma quebra nas conversas.

Organizar as ideias para escrever, dialogando com as narrativas e autores referenciados não é uma tarefa fácil; aos poucos, fui escrevendo e chegando ao objetivo da pesquisa: as respostas que eu tanto procurava. Para tanto, busquei outras informações de autores nas etapas anteriores, que contribuíram para a escrita, seguindo as orientações do professor orientador.

Esses autores me fundamentaram na elaboração do TCC, possibilitando o diálogo entre tema-narrativa dos moradores com o devido amparo científico, produzindo respostas para a pesquisa, trazendo uma conexão entre a memória das festas antigas, festas de músicas eletrônicas e festas de igrejas evangélicas.

Com o passar do tempo e devido ao meu envolvimento em outras atividades, deixei o tempo passar e, quando retomava para o TCC, tinha muita dificuldade em dar continuidade, pois não conseguia concentração para deixar as ideias fluírem. Após um ano, eu só consegui fazer primeiro capítulo. Então percebi que precisava agir por ter sido aprovada em concurso público da PMM e percebi o tempo que perdi sem produzir para o TCC.

As minhas experiências na comunidade foram importantes, pois agora consigo vislumbrar a história local do povoado de forma científica. Ficou mais fácil compreender a cultura dos moradores e formas de trabalho existentes, o porquê das dificuldades locais, ou seja, tudo que diz respeito a comunidade. A pesquisa que fiz trouxe resultados positivos para todos. Eu, como pesquisadora, nem imaginava enxergar com outros olhos o que eu pensava que conhecia da comunidade onde cresci. Em verdade, eu aprendi muito com os entrevistados no processo formativo, cada descoberta foi uma experiência nova e marcante para minha formação.

No meu percurso formativo cada pesquisa foi um aprendizado diferente, pois nem as informações colhidas, são as mesmas pessoas, na realização das atividades na descoberta do novo, tudo é resultado de muito esforço, cada turma e cada professor que manteve contato foi uma experiência nova de realização das atividades em sua disciplina e sala. A contribuição no

processo formativo foi gratificante enquanto educanda do curso de LEC. Ainda nas dificuldades para manter a permanência no curso, desempregada e sem recursos para custear passagens até a comunidade e durante a etapa, retornar para o tempo universidade, tive que conciliar os tempos-comunidade com as diárias remuneradas (“bicos”) que iam aparecendo no percurso, para manter minhas despesas durante a etapa, além das despesas familiares.

Como eu tinha o objetivo de conseguir me formar, as dificuldades não conseguiram tirar meu foco, ninguém me disse que seria fácil, e não foi. Nas primeiras leituras fui vendo que processo formativo não é fácil quanto parecia, mais eu tinha que continuar porque meu objetivo era finalizar a graduação em educação do campo, houve um momento de crise cheguei para aula pela manhã e disposta a procurar a coordenação do curso e pedir para trancar o curso, crise essa que passou rapidamente, pois eu teria me arrependido profundamente se o tivesse feito, porque o tempo passa muito rápido e fica cada vez mais difícil retomar a um curso trancado, na minha concepção.

No percurso formativo, todos tiveram dificuldades, uns mais, outros menos... em conversa com colegas de curso, um deles disse: ”tem paciência, mais na frente tu terás retorno”. nesse momento procurei refletir sobre tudo que já tinha vivido e faltava tão pouco para terminar o curso, e fiquei pensando nas palavras dele e acabei por desistir de solicitar o trancamento do curso. Estou na luta até conseguir a conclusão final da graduação.

Todas as noites de sono perdido e preocupações foram de aprendizado, dificuldades dos tempos-comunidade que valeram a pena, porque cada tempo comunidade teve sua importância no processo formativo como suas dificuldades nos trabalhos e nas pesquisas a serem desenvolvidas, pois agora vejo que, para ter êxito no percurso formativo é preciso ter resiliência e enfrentar todos desafios que surgirem no caminho. Agradeço as facilidades e as dificuldades também, para chegar até na reta final da formação.

Outras dificuldades também surgiram nos tempos-comunidade, como a falta de dinheiro e de trabalho, pois não encontrava serviço que me liberassem para estudar dois meses seguidos. Então foi muito difícil permanecer todo esse tempo sem trabalhar e tendo gastos diários. Manter-se como aluno ativo de um curso de graduação é um enfrentamento nada fácil, pois só se consegue se tiver coragem e muita obstinação para concluir a graduação, principalmente se estiver desempregada.

Os trabalhos de pesquisa na comunidade tiveram resultados positivos, porém em alguns momentos dava desânimo, apesar que depois tudo se ajeitava, tanto para a formação acadêmica, como para o desempenho dos estudantes participantes nas ações e atividades desenvolvidas no



percurso formativo. Desde o primeiro estágio em contato com estudante, as pesquisas mostraram resultados de acordo com o tema abordado na busca das informações com os entrevistados e colaboradores.

De forma ativa cada estudante contribuiu direta ou indiretamente na formulação da pesquisa no povoado, das produções que os moradores tiram o sustento da família, das criações de animais para consumo ou excedentes, do trabalho dos próprios estudantes que conciliam escola e trabalho para ajudar as famílias. Alguns estudantes vendem polpas de frutas e outros objetos.

A presente pesquisa verificou que a observação dos dados amostrais das formas de trabalho na comunidade são vistas como forma de sobrevivência dos moradores, quando são interrogados a primeira resposta é: “não trabalho só boto uma roça, roço uma juqueira”, ou seja, a negação da própria força de trabalho, assim como os jovens também não consideram o trabalho realizado em casa como uma força de trabalho de alguma forma. Durante as atividades em sala surgiu uma luz onde começaram a perceber a importância do tema trabalho e juventude para eles, estudantes.

As formas de trabalho informal de gênero e a divisão sexual do trabalho, a diferença salarial inferior ao trabalho masculino, realizando as mesmas atividades, a desvalorização da mão de obra feminina imposta pelo sistema capitalista pautada na ideologia de gênero leva a inferioridade da classe feminina na sociedade pós-moderna, que passa despercebido pela necessidade da subsistência das famílias, parece ser normal (Nogueira 2006).

Atividade em sala durante estágio com tema “trabalho e juventude” foi um despertar para os estudantes que, por falta de orientação das formas de trabalho e da força de trabalho humana para beneficiar empresas e fazendeiros regionais, a única opção no momento é o que resta ao povoado. Em resposta à atividade realizada, notou-se que uma minoria dos moradores é aposentada ou que são pessoas que vivem do seu próprio negócio.

Infelizmente, empregos municipais e estaduais no povoado são exercidos por concursados de outros municípios, exaurindo ainda mais a possibilidade de receita e postos de empregos melhores aos moradores do povoado, uma vez que esses trabalhadores não tem vínculo com o povoado e apenas exercem ali sua atividade laboral, diminuindo a oferta de trabalho melhor aos moradores. Durante conversa informal com estudantes, estes relataram que trabalham para um grande fazendeiro de fora que se instalou na região do povoado, durante o contraturno escolar, para não prejudicar os estudos. Porém não recebem salário mínimo, mas

apenas uma pequena ajuda de custo, sem quaisquer vínculos empregatícios. Como o povoado tem economia fraca, os estudantes se submetem a esse trabalho informal pra se manter.

Entre educação e estrutura econômica social e capitalista, esses estudantes tem menos de 18 anos de idade e já estão nessa luta diária, mais enfim são nossos jovens enveredando pela imposição do capitalismo muito cedo, uma forma que os estudantes encontraram para conciliar trabalho e estudo no contraturno, com atividades remuneradas que ajuda na manutenção dos seus gastos com materiais escolar e ajudar a família, e já enfrentar a vida desde de cedo com responsabilidade de trabalhar para o próprio sustento, sem precisar parar totalmente o seu objetivo de manter os estudos. Para isso se submetem a acordar na madrugada e trabalhar até amanhecer no horário de aula e outros trabalham no contraturno, com toda dificuldade o “patrão” ‘fazendeiro”, libera para continuar estudando. Infelizmente, é o que tem e o que sobra para essa população do campo, não lhes dando a menor possibilidade de concorrer de igual para igual ao jovem de classe média residente em um centro urbano, salvo raríssimas exceções,

Enquanto isso, outros jovens que não estudam e nem trabalham, não tem um mesmo interesse em se esforçar para continuar os estudos e procurar trabalhar para se manter, além de fazem uso de drogas ilícitas, trazendo para as famílias desconforto com os demais moradores, como de fato já houve situações de desavenças entre vizinhos. Esses jovens ficam esperando pelo dinheiro/ajuda dos pais aposentados ou tem outras atividades para o sustento da família.

Essas informações apareceram durante as pesquisas no povoado, nem todas foram registradas, experiencias que me fez refletir de como pode ser diferente, de pensar uma forma de estimular a juventude não estudante na busca pela conclusão do ensino médio. Muitos moradores comentam sobre o esforço que fazem para manter os filhos na escola, expressam uma satisfação quando falam sobre a formação dos filhos, porque na época deles não tiveram oportunidade alguma de estudar, por começarem a trabalhar mais cedo para se manter e ajudar os pais, dificuldade de conciliar trabalho, estudo ao mesmo tempo, pois muitas vezes, as escolas eram muito distantes de suas casas. Naquela época não havia livros e material escolar gratuito, transporte escolar público e gratuito e tampouco merenda escolar, tudo era muito difícil.

Essas experiencias durante as pesquisas me fizeram perceber, para a continuidade a importância de fazer proposta para dar continuidade aos estudos para os jovens do povoado, algo que os mantenha focados nos objetivos de conclusão dos estudos, já que a comunidade não oferece outra atividade educativa, não tem oficinas ou projetos que envolva os jovens não estudantes do povoado. O único projeto que tem na escola do povoado é somente para alunos matriculados que permanecem estudando.

Uma outra atividade que poderia ser desenvolvida junto aos jovens estudantes seria o artesanato, ou educação profissionalizante que venha suprir as necessidades dos jovens na prática e força de trabalho humana, a formação de mão de obra mais especializada ao aprendiz e que favoreça a renda familiar, para despertar o interesse no aprendizado de uma forma geral. Seria interessante tais atividades para os jovens do povoado, que acabam exercendo serviços braçais em outras cidades, sobretudo Imperatriz/MA, pela falta de qualquer qualificação. Esse cenário é uma produção do mercado que precisa desse jovem como força de trabalho preconizada.

Os jovens do povoado acabam deixando os estudos em segundo plano e, às vezes constituem família muito jovem e acabam precisando de trabalhar para manterem suas famílias. Alguns, com o passar do tempo, conseguem ainda tentar dar continuidade aos estudos e tentar vestibular e outros projetos de conclusão do ensino médio, como o programa do ECEJA. Há casos no povoado de jovens que concluíram o ECEJA. Na busca pela formação de curso superior particular, para conseguir emprego com salário melhor na comunidade, a maioria dos estudantes fazem pedagogia EAD ou semipresencial. Política de precarização da escola e da educação.

## **5.1 CULTURA NA COMUNIDADE/POVOADO**

### Temática Festas Populares

Sobre a cultura do povoado na temática de festas populares, são cultuadas de forma geral, Festa de Santos, Festa do Divino, Festejo de São João Batista padroeiro do povoado (foto 9) , Festa de Reis, e Festa de Cosme e Damião (foto 9), tradição no povoado, uma das festas que é cultuada todos os anos que envolve todo povoado e comunidade vizinha, com comidas, e reza do terço e oferenda e brincadeira tradicionais, como jogos entre outras de épocas antigas.

**Foto 9:** Festejo São João Batista, levantamento do mastro



**Fonte:** Acervo fotográfico da pesquisadora (2018)

Como mostra a imagem o início do Festejo São João Batista na Comunidade de Olho D'Água do Coco, o Santo referenciado é o Padroeiro do povoado/comunidade, os fiéis acompanham esse momento em orações e após o mastro e rezado terço e fogos de artifícios, após logo mais e rezado a missas de abertura do festejo , e leilão com donativos doados pela comunidade.

**Foto 10:** Momento de oração terço e oferenda da festa de Cosme e Damião



**Fonte:** Acervo fotográfico do pesquisador (2018)

Ainda na comunidade são cultuadas a festa popular de Cosmo e Damião (foto 10) é uma tradição na comunidade todo ano vinte e sete de setembro, toda comunidade católica e não católica participa direta ou indiretamente, mais todos conhecem de longa data e até os dias de hoje é um cultuada, conta com a participação de comunidade vizinhas, outros devotos se fazem presente, tem uma fartura enorme que agrada quem quiser comer a vontade, assim como brincadeiras e jogos que envolvem adultos, jovens, idosos e crianças principalmente.

Quando se trata das festas de rodas, todos conhecem, mas nada é documentado formalmente, só falam que quando nasceram a dança de roda já existia ou aprenderam com os pais, que aprenderam com os avós, dando sequência às gerações.

A dança do Lindô, por exemplo, é conhecida por todos, sendo relatado a forma pela qual aprenderam, sendo praticada no período da quaresma logo após o terço, juntando-se as pessoas e fazendo a roda, dando início a festa. As informações orais dão originalidade e existências das tradições de como eram praticadas e dando nome aos personagens como familiares próximos e conhecidos, e assim as raízes vem se entrelaçando nas gerações até nos dias atuais. É uma dança tradicional dos camponeses e praticada como uma forma de lazer e faz parte da cultura dos agricultores, camponeses, assim como a dança do coco, que foi praticada final do ano 2018 na apresentação da Primeira Feira do Coco Babaçu (foto 11) na comunidade Olho ‘ D’ Água do Coco, contou com a presença da Dona Raimunda quebradeira de coco da comunidade Sete Barracas no município de São Miguel do Tocantins, hoje Dona Raimunda e Falecida, todas as danças de roda.

**Foto 11: I Feira do Coco Babaçu na Comunidade Olho D'Água do Coco**



Fonte: Arquivo pessoal, (2018)

Quando se trata das festas de rodas, todos conhecem, mas nada é documentado formalmente, só falam que quando nasceram a dança de roda já existia ou aprenderam com os pais, que aprenderam com os avós, dando sequência às gerações.

A dança o Lindô, por exemplo, é conhecido por todos, sendo relatado a forma pela qual aprenderam, sendo praticada no período da quaresma logo após o terço, juntando-se as pessoas e fazendo a roda, dando início a festa. As informações orais dão originalidade e existências das tradições de como eram praticadas e dando nome aos personagens como familiares próximos e conhecidos, e assim as raízes vem se entrelaçando nas gerações até nos dias atuais. É uma dança tradicional dos camponeses e praticada como uma forma de lazer e faz parte da cultura dos agricultores, camponeses, assim como a dança do coco, que foi praticada final do ano 2018 na apresentação da primeira Feira do Coco Babaçu (foto 12) na comunidade Olho D'Água do Coco, contou com a presença da Dona Raimunda quebradeira de coco da comunidade Sete Barracas no município de São Miguel do Tocantins, hoje Dona Raimunda e Falecida, todas as danças de roda.

**Foto 12: Dança do Coco Babaçu**



Fonte: Arquivo pessoal, (2018).

A Semana Santa é sagrada no povoado. O respeito à Semana Santa começa a partir da quarta-feira de trevas vai até a meia noite da sexta-feira santa, com a tradição de romper o sábado de aleluia com danças e festas, é uma tradição nesse período, a confecção de um boneco espantalho, de nome “Judas” para assustar alguns dos moradores, sendo colocado na porta da casa do morador escolhido, junto uma carta com prosas. Era diversão garantida.

Sobre as falas acima, Freire (1987) cita que os saberes e a cultura popular local necessitam de espaço para se articular esses saberes populares e os saberes científicos no ensino de ciências, porém não significando reduzir o status do conhecimento científico, mas permitir a elevação das outras formas de conhecimento, relacionando os saberes apresentados, explorando e discutindo diferentes visões de mundo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção do meu memorial de processo formativo fiz revisão de literatura dos autores que dialogam com a educação do campo, textos trabalhados durante as aulas e

atividades em debates que fundamentaram para partilhar das minhas experiências e aprendizados no percurso formativo na faculdade de educação do campo, tendo em vista que todas as disciplinas dialogam com as experiências coletivas e individuais para o processo de formação. Além da formação acadêmica e formação coletiva de convivência dos espaços que me proporcionou aprendizado de viver coletivamente, assim como interdisciplinaridade das ênfases, Letras e Linguagens, Matemática, Ciências agrárias da Natureza e Ciências Humanas e Sociais, que dialogam entre si, que irei levar para toda vida.

Outras experiências no meu percurso formativo foram os aprendizados nos seminários ofertados pela Faculdade de Educação do Campo, e outros espaços de formação independentes, dos cadernos de campo na sua organização, assim como os relatórios e leituras dos referenciais teóricos da Educação do Campo, as visitas aos acampamentos e toda organização de coordenação para o controle dos acontecimentos que envolve toda a comunidade ocupada, todos esses espaços formais e não formais, foram importante para ampliação do meu conhecimento tanto na Faculdade de Educação do Campo, como fora dela e partilhar desse aprendizado no atual trabalho que estou desenvolvendo na Comunidade/Povoado onde moro, como educadora/monitora do Programa Novo Mais Educação.

As estratégias de ensino dos docentes da faculdade de educação do campo contribuíram para meu aprendizado e desenvolvimento de minhas habilidades em sala de aula, para realizar um bom trabalho na escola onde no momento estou na monitoria do “Programa Novo Mais Educação”, e outros espaços formativos que venham surgir na minha trajetória como professora, contribuir nos ensinamentos dos educandos de forma que seja para o bem social no processo de aprendizagem dos educandos enquanto comunidades rurais ou urbana. As experiências de outros educandos me fez refletir sobre a luta pela a terra, porque da comunidade, de venho é resultante dos conflitos gerados na região do (Bico do Papagaio), principalmente das Quebradeiras de Coco Babaçu, ao partilhar dessas experiências me vejo diante dos conflitos não só pela a terra, mais pelos os espaços das universidades públicas, formação que é negada a classe trabalhadora menos favorecida, em busca de formação para a contribuição no processo formativo dos nossos povos do campo, e filhos de camponeses e agricultores.

Diante das informações aqui compartilhadas, levarei o legado da educação do campo por onde se fizer necessária na construção do conhecimento. Todos acontecimentos que apareceram no percurso formativo, bons ou ruins, deixam-nos aprendizado e os ganhos e perdas também contribuem para a formação. Sempre se pode pensar e também fazer muito mais.



Portanto deverei seguir em frente com dignidade e sentimento de ter feito a escolha certa, daqui em diante não podemos mudar a sociedade mais podemos pensar diferente.

## **REFERÊNCIAS**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - *ABNT. NBR 14724*: Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzales, 2003,p.42.

ARROYO, Miguel Gonzales, *Educação e Sociedade*, ano XX, n: 68, dezembro 1999

ANTUNES,Ricardo.2002<sup>a</sup>. *Os Sentidos do Trabalho*.6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Boitempo Editorial. (Coleção Mundo do Trabalho)-.2002b. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.8aed. São Paulo: Ed. Cortez/Ed. Unicamp. P. 233-236.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiencia e o saber de experiencia. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 19, p. 20-28,Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

BRANDÃO, C. R.: FREIRE, Paulo: A educação, a cultura e a universidade. Memória de uma história de cinquenta anos atrás. *Eja em debate*, Florianópolis, ano 3, n. 4, jul 2014

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016

BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins. *Revista Geosul*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p.229-249, 2017. Quadrimestral. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-5230>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/issue/view/2531/showToc>>. Acesso em: 04 set. 2019.

CALDART, Roseli Salete: *Educação em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1997, p 157.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: Santos, Clarice Aparecida dos (Org.). *Campo. Políticas Públicas: educação*. Brasília: Inera-MDA, 2008, p.67-86. (Por uma Educação do Campo, n.7. Coleção).

FREIRE, Paulo, *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista*/Gaudêncio Frigotto - 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2006

HÉBETTE, Jean (1978)*Relatório do Seminário sobre a Fronteira Agrícola*, a Resenha da Literatura nos últimos anos. Belém (mimeo),agosto.

LARA, Tiago Adão: *A escola que não tive...o professor que não fui: temas de filosofia da educação*/Tiago Adão Lara-2 ed,- São Paulo: Cortez, 1998

MOLINA, M. C. SÁ. L. M. Escola do campo. In: *Dicionário de Educação do Campo*. Caldart, R. et (org). Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

MOREIRA, Edma do Socorro Silva; HÉBETTE, Jean. *Metamorfoses de um Campesinato nos Baixo Amazona e Baixo Xingu Paraense*. In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENESES, Marilda, Aparecida ; MARINA, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do Campesinato: expressões e categorias*. São Paulo: Editora Unip; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.p.187-206.

MARTINS, José de Sousa. *Fronteira: A degradação do Outro nos Confins do Humano*. São Paulo. Contexto, 2009.

MOLINA, M, C.; ANTUNES-ROCHA,M,I,(2014).

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del. Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina*. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997